

Mariátegui

Uma sensibilidade socialista autogestionária nos Andes

Cláudio Nascimento

“Mariategui ainda se ergue como um farol, que ilumina o horizonte intelectual e político dos que querem conferir aos latino-americanos a opção pelo marxismo”
(Florestan Fernandes)

1. Introdução

Um ensaio sobre a “vida e obra” de Mariátegui, na atual conjuntura, marcada por 20 anos do Governo Lula, não poderia deixar à parte algumas considerações sobre o momento que as esquerdas vivem em nosso país. A vitória do PT, com uma aliança de centro, despertou imensas esperanças de superação do que podemos chamar a ‘longa via passiva’ predominante na nossa história. Neste sentido, buscamos as visões de vários socialistas expressas no momento do Fórum Social Mundial, quando Lula tinha acabado de tomar posse.

Dizemos isto porque a vigência da obra de Mariategui adquire mais expressão nesta conjuntura, que na verdade, é um processo de ‘longa duração’, relativo ao esgotamento em nível estrutural, de atores, partidos, idéias, etc. Parece que se encerra todo um longo ciclo, iniciado nos anos 30. Para as esquerdas, significa mais um momento de reestruturação como os já vivenciados no pós Guerra (1946), no pós Golpe Militar (1964) e no final da ditadura militar (80), quando surgiu o PT. Nestes vários momentos, viradas de épocas, as esquerdas, em alguns, conseguiu superar o momento histórico de forma relativamente unitária, noutros, através de fragmentações que tiveram posteriormente resultados negativos. Mais uma vez, a história conchama por novas opções.

É nesta encruzilhada, que Mariategui traz contribuições fundamentais.

Em 1994, quando da vitória do neoliberalismo, Florestan Fernandes, antevidendo desafios futuros, escreveu sobre a ‘atualidade de Mariategui’, levantando questões que constituem uma verdadeira agenda, ainda válida para os nossos dias. Afinal, os impasses e problemas estruturais, postos para as esquerdas em 1994, ainda não foram superados.

A obra de Mariategui no Brasil

A fortuna da obra mariateguiana não é das mais ricas no Brasil, como veremos adiante. Todavia, do ponto de vista qualitativo, podemos afirmar que há um ‘olhar brasileiro’ em relação a sua obra. Um dos grandes marxistas do nosso país, dedicou carinho especial a obra do Amauta.

Neste sentido, no Brasil, uma das formas mais plenas de possibilidades de abordagem da obra de Mariategui, é através das reflexões de Florestan Fernandes sobre o legado do Amauta. Este é o sendero que vamos trilhar.

Em relação a bibliografia brasileira, de Mariategui existe apenas uma única obra traduzida em nosso país: o famoso “Sete Ensaios”, publicado em 1975 pela Editora Alfa-Omega e, prefaciado por Florestan.

Mas, sobre Mariategui, há vários escritos:

-uma coletânea de textos do marxista peruano no volume n. 27 da Coleção “Grandes Cientistas Sociais”, da Editora Atica. Essa coleção era coordenada por Florestan.

-além destas iniciativas de Florestan, há na Coleção “Encanto Radical”, da editora Brasiliense, uma brochura sobre Mariategui, de autoria do argentino Héctor Alimonda, publicada em 1983.

-na obra coletiva “América Latina, história, idéias e revoluções”, Editora Xamã e NET, 1998, o celebre filósofo mexicano Adolfo Sanchez Vasquez traz um artigo: “Mariategui, grandeza e originalidade de um marxista latino-americano”.

- Alfredo Bosi, na Revista “Estudos Avançados”-janeiro-abril 1990, publicou o ensaio “A vanguarda enraizada”(o marxismo vivo de Mariategui). Este mesmo ensaio foi republicado na Coletânea, organizada por Denis Moraes, intitulada “Combates e Utopias”(2004).

- Jose Paulo Neto, na época de seu exílio, nos anos 70, lançou em Portugal uma brochura sobre o pensamento de Mariategui.

-na brochura “Marxismo e Socialismo na América Latina”, Cláudio Nascimento traz um ensaio intitulado “Mariategui, “che” Guevara e Carlos Fonseca Amador: fontes da revolução na América Latina”(Ceca-Cedac.1989).

-em “A História do Marxismo”, org. por Hobsbawm, há 2 textos nos quais se aborda o pensamento de Mariategui: um de José Arico e outro de Portantiero.

-Bernardo Ricupero, em sua obra sobre “Caio Prado Jr. E a nacionalização do marxismo no Brasil”, (Editora 34,2000) dedica várias páginas ao pensamento de Mariategui.

-recentemente, Enrique Amayo e José Segatto, publicaram a obra “J.C.Mariategui e o marxismo na América Latina”, com o objetivo de reintroduzir o pensamento de Mariategui no meio universitário (e não só) brasileiro. (Editora Cultura Acadêmica. Série Temas em Sociologia. Unesp, 2002.) Significativamente, esta coletânea traz textos de Florestan (a introdução aos “Sete Ensaios”), do peruano Aníbal Quijano e de Antonio Melis.

-em Junho de 1994, a revista “América Libre” n. 5, publicou na seção “América Recuerda”, um ensaio de Cláudio Nascimento intitulado “Mario Pedrosa y Mariategui. El marxismo embruxado”.

-em set.-dez. de 2000, a revista “Utopia y Práxis Latinoamericana”, Año 5. n. 11, publicou também de Cláudio Nascimento, o ensaio “José Carlos Mariátegui e o “específico nacional”.

-a Revista “Teoria e Debate”(do PT) publicou em 2000, dois ensaios sobre Mariategui: de Michael Lowy, o ensaio publicado quando do Seminário realizado em Paris em comemoração ao centenário de Mariategui: “O marxismo romântico de Mariategui”; e, outro de Enrique Amayo.

- M.Lowy, em sua Antologia “O marxismo na América Latina, de 1900 aos dias atuais”(Editora Fundação Perseu Abramo, 1999), faz importantes referências a obra do marxista peruano.

Voltando a Florestan: no ano de 1994, quando se comemorava o centenário do Amauta, Florestan voltaria a obra de Mariategui, com um texto publicado no “Anuário Mariateguiano”(volume 6, número 6, de 1994), com o título de “Significado Atual de Mariategui”.

No ano seguinte, a editora Atica publicou a última obra de Florestan, que morreu em agosto desse mesmo ano, significativamente intitulada de “A Contestação Necessária-retratos intelectuais de incomformistas e revolucionários”. Nesta obra, Florestan busca responder as novas questões postas para a esquerda brasileira com a vitória de FHC.

2. O contexto (pós)neoliberal

No centenário do marxista peruano, um novo bloco dominante se constituía no Brasil, articulando uma grande aliança conservadora que unificou o conjunto das classes dominantes e elegeu FHC à Presidência do país.

Oito anos após este fato, uma outra frente política, desta vez de centro-esquerda, elegeu nas eleições de 2002, Lula, um ex-operário metalúrgico, ex-presidente da CUT e do PT, à Presidência do país. Assim, cria-se a perspectiva de superação de uma onda longa conservadora, do neoliberalismo.

Dizia-se que “a esperança venceu o medo”. Na verdade, as expectativas da sociedade, sobretudo, dos setores mais pobres, é imensa. O novo presidente, quando da posse em Brasília, simbolicamente rendeu homenagem à várias gerações da esquerda brasileira: citou na manifestação da avenida Paulista, a Mario Pedrosa; visitou Celso Furtado, Maria da Conceição Tavares, Apolônio de Carvalho; a viúva de Sérgio Buarque de Holanda.

Nos primeiros meses lançou o combate à fome.

Durante o III Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre, em janeiro de 2003, mês da posse de Lula, em Seminários e Conferências, intelectuais de vários países discutiram as novas perspectivas e possibilidades abertas à história pela eleição de Lula.

Possibilidades entre a esperança e a frustração

Os inúmeros debates ocorridos durante o terceiro Fórum Social Mundial, e, diversos ensaios publicados em jornais, revistas, e debates na Mídia, nos permitem ter uma ideia da perspectiva que se abria no Brasil

As análises mostram que não se trata apenas de uma nova conjuntura, mas de uma mudança que está grávida de possibilidades para transformações qualitativas. No conjunto, entre otimistas e pessimistas, podemos ver que se trata acima de tudo de uma ‘aposta’ pascaliana: ambas as possibilidades, de derrota e de vitória, estão presentes.

O cientista político grego SAMIR AMIN, em debate no Fórum Social Mundial, sobre o tema “O novo Brasil no mundo atual”, afirmava que a situação do país é “potencialmente revolucionária”, e, que seria um terceira etapa na história do país:

- a primeira se encerrou com o fim da escravidão;
- a segunda contempla desde a República, passando pelo populismo de Vargas até o regime militar;
- a eleição de Lula, é o início da 3ª etapa, pois permitirá a entrada em cena das classes populares.

Esta tem sido a tônica em relação ao momento atual brasileiro: uma abordagem que implica temporalidades longas e contradições profundas.

Nesta mesma perspectiva, o cientista político brasileiro Francisco de Oliveira, escreveria: “Na periodização da ‘longue dureé’ brasileira, a eleição de Lula...tem tudo para ser uma espécie de quarta REFUNDAÇÃO da história nacional, isto é, um

MARCO de NÃO-RETORNO, a partir do qual impõem-se novos desdobramentos. Ela pode ser a liquidação do que tem sido chamado a 'LONGA VIA PASSIVA brasileira, essa forma autoritária da expansão capitalista, uma modernização sempre truncada pela limitação da cidadania'.

Na periodização de Oliveira,

-a Abolição seria a primeira refundação;

- a República seria a segunda;

-a Revolução de Trinta, a terceira.

Enfim, o momento atual está marcado pela possibilidade de que “ as classes dominadas convertem-se no novo eixo republicano e democrático”.

No final do ensaio, nosso Autor adverte que, “ O resultado eleitoral não significa hegemonia, mas apenas sua possibilidade. É a política que será instaurada que pode transformar o resultado em hegemonia”.O caráter do novo período que se abre ainda é enigmático.

O crítico literário Antonio Candido, também fazendo uma análise de onda de longa duração afirma que há um simbolismo na eleição de Lula: cansado das injustiças e dos erros cometidos pelas elites, o povo brasileiro resolveu confiar o seu destino a alguém da classe operária. Candido define a singularidade de Lula, pelo fato de que, continua essencialmente identificado aos interesses da sua classe. Sob esse aspecto, a sua vitória coroa um PROCESSO HISTÓRICO iniciado com as lutas sociais do fim do século 19 e acelerado depois de 1930 devido ao incremento da industrialização. Candido ressalta as esperanças do pós-Guerra, em 1945, e que, talvez, o momento decisivo veio com as greves do ABC em meados do decênio de 1970.

Candido recorre a analogia com a conjuntura aberta em 1945 , afirmando que a utopia dos socialistas naquela época, expressa por Paulo Emilio de junção da classe média, do campesinato e do operariado, pode agora ser uma realidade:

“ Talvez as três forças definidas por Paulo Emilio possam agora compor uma aliança capaz de mudar a face do Brasil”.

Por sua vez, Jose Luiz Fiori declara que dos 3 projetos que disputaram o poder e as idéias no Brasil, o terceiro está se iniciando agora: “nunca ocupou o poder estatal nem comandou a política econômica de nenhum governo republicano, mas teve enorme presença no campo da luta ideológico-cultural e das mobilizações sociais”.

Nos anos 60, a vertente nacional, popular e democrática do desenvolvimento chegou a propor uma reforma do projeto. Para Fiori, “a história não se repetirá, mas não é nenhum anacronismo retomar velhos objetivos frustrados e reprimidos através da história para reencontrar novos caminhos”.

Todavia, com a mesma metodologia da 'longue dureé', encontramos vozes que alertam para “a possível frustração”, título do ensaio de César Benjamin . Este afirma que ninguém sabe descrever, com um mínimo de precisão, que país Lula vai governar.O Brasil que temos pela frente é um quebra-cabeças que ainda não foi montado.”. E que, “ Da trajetória percorrida no século 20, até cerca de vinte anos atrás, já temos interpretações mais ou menos consagradas. De lá para cá estamos em vôo cego”.

César afirma que a 'crise brasileira' não é apenas uma crise de Estado, mas uma crise que perpassa o conjunto da sociedade, e que sua solução implica algo muito difícil: “ revolucionar relações sociais”.

Em relação a “via passiva” brasileira, lembrada por Francisco de Oliveira, Perry Anderson nos adverte que: “ Há também o peso da tradição cultural que se fará sentir sobre os agentes de qualquer renovação. Muito mais ainda que a Itália, que lançou o

conceito para o mundo, O Brasil é por excelência o país do “transformismo”, a capacidade que possui a ordem estabelecida de abraçar e inverter as forças transformadoras, até que fica impossível distingui-las daquilo que se propunham a combater. É o lado sombrio da incomparável ‘cordialidade brasileira’. O “paz e amor” é, por antecipação, um vocabulário de indigestão e derrota. Uma causa pode sobreviver a um slogan, mas, sem slogans melhores do que este, as pressões objetivas não vão demorar a esmagar os desejos subjetivos”.

Um longo ciclo : 1973 – 2003...

Emir Sader, analisa o momento atual da América Latina a partir do fato de que : “ 2003 promete ser o ano mais importante para o continente desde 1973...A partir de 2003 enfrentamos uma aberta crise de hegemonia na América latina, com o esgotamento dos blocos no poder, sem que se tenham formado ainda novas forças em condições de preencher esse vazio”.

Se o continente aponta para um horizonte pos-neoliberal, 2003 terá sido um ano histórico, como foi 1973, porém desta vez, para um patamar de avanço das lutas históricas”.

Assim, abre-se , “Um período novo em que os espaços de alternativa estão abertos, representando para o movimento popular e o movimento de massas possibilidades novas de intervenção, com governos que podem ser expressão e interlocutores de suas reivindicações e que, por sua vez, terão seu significado condicionado pela própria ação das forças sociais, políticas e culturais que a esquerda latino-americana acumulou nas décadas de resistência ao neoliberalismo”.

O cientista político argentino Atilio Boron, afirma que: “a eleição de Lula da Silva representará o começo do ciclo histórico pos-neoliberal na América Latina”. A vitória de Lula constitui, para Boron, “ um fato histórico comparável, no último meio século, com o triunfo da Revolução Cubana em janeiro de 1959, com o de Salvador Allende no Chile em setembro de 1970, com a vitória insurrecional – infelizmente derrotada depois- dos Sandinistas e com a irrupção do zapatismo no México em janeiro de 1974”.

Contudo, Boron também adverte para as enormes dificuldades do processo. Diz que as reformas propostas não são suficientes para a construção de uma sociedade pos-capitalista; mas, podem, se forem realizadas sob uma forma democrática, autogestionária, participativa, constituir um aporte considerável para avançar em direção a uma nova sociedade”.

Revolução ativa ou ilusão de hegemonia ?

Todavia, os primeiros meses de Governo Lula, não corresponderam às expectativas(...). Sobretudo, a continuidade no campo da política econômica, emperrando os projetos de cunho social e as políticas públicas, eixos fundamentais e determinantes do Programa de Governo do PT. Alguns Ministérios e Agências financeiras foram ocupadas por forças empresariais conservadoras. Ministério da Indústria e Comércio, Ministério da Agricultura, Banco Central, por exemplo. Este processo explicaria algumas dificuldades e mesmo derrotas do campo popular-democrático: meio ambiente com a questão dos transgênicos; a disputa pela representação do mundo do trabalho, sindical e cooperativo, travada no Fórum Nacional do Trabalho.

O cientista político Francisco de Oliveira, profundo conhecedor dos processos políticos brasileiros tentou analisar o novo momento político. Na introdução à nova edição de sua “Crítica à razão Dualista”, o sociólogo pernambucano, em ensaio chamado de “Ornitórrinco”, conclui que:

“A representação de classe perdeu sua base e o poder político a partir dela estiolou-se. Nas específicas condições brasileiras, tal perda tem um enorme significado: não está à vista a ruptura com a longa ‘via passiva’ brasileira, mas já não é mais o subdesenvolvimento”

Em um ensaio, significativamente intitulado “Há vias abertas para a América Latina?”, apresentado como palestra de abertura da Assembléia geral da CLACSO (Cuba, out. 2003), Chico de Oliveira, faz referência ao Governo Lula:

“A vitória nas eleições e o governo Lula são outros casos de advertência que podem dar a ilusão de hegemonia das forças do trabalho; mas, examinando-se o desempenho presidencial, a verdade pode ser o oposto. Toda a longa acumulação de experiência dos movimentos sociais brasileiros, incluindo-se nele o próprio movimento sindical do qual originou-se Lula, produziu uma quase hegemonia nos termos de Gramsci... O governo Lula nega, na prática, essa quase hegemonia e, pelo contrário, entrega-se à reiteração de tudo que combateu. Para não cairmos no registro simples da denúncia moral – que continua sendo urgente e continua sendo um elemento da política –, faz-se preciso ESCAVAR AS CAUSAS ESTRUTURAIS DE TAIS DESVIO (grifo nosso)”.

Ainda “há vias abertas para América Latina?”, ou também podemos nos perguntar:

Há, ainda, um grito parado no ar: as possibilidades estão esgotadas, ou, será possível uma mudança na relação de forças que permita o avanço das forças democráticas e populares?

Por paradoxal que possa parecer, a conjuntura aberta com o neoliberalismo (em 1994) e a conjuntura aberta com a eleição de Lula, ambas portam questões similares para as esquerdas. Questões que só podem ser respondidas, seguindo a advertência de Chico de Oliveira: “escavando as causas estruturais”, analisando ‘ondas de longa duração’.

Neste sentido, a reflexão de Florestan Fernandes, traçada em 1994, também diz respeito aos dilemas atuais.

3. o retorno a reflexão de Florestan .

Logo após a derrota de Lula em 1994, o sociólogo Florestan Fernandes, através de reflexões sobre a atualidade do pensamento de Mariategui, punha várias questões na ordem-do-dia. Florestan tentava responder as novas questões então postas para as esquerdas brasileiras, no contexto da vitória do neoliberalismo com FHC na presidência.

O centenário do marxista peruano Mariategui realizou-se no mesmo ano em que, no Brasil, o novo bloco dominante constituído por uma grande aliança conservadora, unificando o conjunto das classes dominantes, chegou ao poder, com FHC, nas eleições presidenciais de 94.

Como falamos acima, quando do centenário do Amauta, em 1994, Florestan voltou ao nosso autor, com um texto: “significado atual de Mariategui”. Enfim, em julho de 1995, tivemos a última obra de Florestan, “A Contestação Necessária – retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários”.

Nesta obra Florestan, num ímpeto Benjaminiano, afirmaria :

" No Brasil, ocorreu um deslocamento de rumos do socialismo e da social-democracia. Esta se amalgamou ao controle conservador, interno e externo, da economia, da cultura e do Estado. Serve como instrumento de continuidade no poder das elites das classes dominantes e de contemporização com os baixos salários e a exclusão de milhões de indivíduos da sociedade civil. O socialismo, porém, encontrou canais de defesa relativa. O pensamento radical enervou-se e reativou nichos de sobrevivência construtiva."

No prefácio, escrito em julho de 95, após situar o contexto, Florestan levanta algumas questões:

Essas condições novas provocam indagações sobre os papéis dos intelectuais nos movimentos sociais ou sobre o destino de sua produção.

- Sucumbiram à onda conservadora ou ainda contam com os meios para criar idéias suscetíveis de elaboração prática, no plano político - cultural ?

- De outro lado, estas tendências radicais ou revolucionárias do passado In flux possuem vitalidade suficiente para desencadear novas composições partidárias e na " transformação do mundo" ?

- Por fim, o radicalismo burguês ainda pode ou não suscitar impactos positivos sobre processos centrípetos de modernização autóctone da ordem social ?

A busca de Florestan tem, claramente, um espírito Benjaminiano:

" As perguntas apontam a necessidade de sondagens sobre o passado que se incorporam ao presente e não podem impedir um futuro com outras perspectivas."

Florestan particulariza a questão em termos de " nossas condições":

"O quadro catastrófico não é tão sombrio . O atraso aninha potencialidades que estão sendo arrasadas nos países imperiais. Há um vázio político que protege a emergência ou o reaparecimento de forças sociais que não puderam ser eliminadas confusão que os controles ultraconservadores impuseram sobre a inteligência e o comportamento radical não surge, aqui, com o ímpeto destrutivo que apresenta na Europa e nos Estados Unidos."

Para Florestan, " A periferia, contudo, não esmagou todas as modalidades de radicalização social e política. A revolução anticolonial e nacionalista subsiste e o significado do socialismo preservou-se ou enriqueceu-se em diversas regiões".

Prosegue, então, definindo o papel de seu livro neste contexto: " A Contestação Necessária" é uma tentativa de reter e discutir manifestações dessa natureza. Apesar de suas insuficiências, em vista dos materiais utilizados e da falta de um fio condutor na reelaboração interpretativa adotada, representa um ponto de partida para outras reflexões de maior envergadura. O que importa, no momento, é que restabelece o valor de uma herança intelectual e política que parecia condenada ao esquecimento ou à supressão pela violência".

" A Contestação Necessária focaliza como seu objeto o eclodir de aspirações utópicas, que foram destroçadas pelas classes dominantes e pelo recurso extremo de duas ditaduras. Assinala esperanças frustradas, que se encontram pairando sobre a sociedade brasileira. O livro não tem a pretensão de ser mais inclusivo, como ocorre com a obra já clássica de Carlos Guilherme Mota, A Ideologia da cultura brasileira(1933-1974)"

Para Florestan, o título " Contestação necessária", "repõe o imperativo de salvar esperanças, que sobrevivem e crescem no substrato de uma sociedade capitalista fomentadora de contradições que convertem a radicalidade em estilo de pensamento e

de ação, indispensáveis à construção de um futuro limpo da canga arcaica e ultraconservadora".

Entre os incorformistas e revolucionários, Florestan traça uma constelação que abrange Antônio Cândido, Caio Prado Júnior, Carlos Marighella, Claudio Abramo, Fernando de Azevedo, Gregorio Bezerra, Henfil, Herminio Sachetta, Mariategui, José Martí, Prestes, Lula, Octavio Ianni, Richard Morse, Roger Bastide.

No capítulo primeiro, "O Intelectual e a Radicalização das Ideias", Florestan inicia-o com a figura de Lula, em seguida aborda Martí, e, a seguir Mariategui.

Pontua: "Recorri a uma simulação fecunda: o que faria J.C. Mariategui nesta era de incerteza para o socialismo ?

Ele sucumbiria à moda e à propaganda demolidora do marxismo nas nações capitalistas hegemônicas?

Minha suposição é que Mariategui possuía uma personalidade incorruptível e indomável. Baseio-me no fato de que ele foi pioneiro em duas frentes:

1-na pugna com conservadores, que encaravam o marxismo como ilusão;

2-e na crítica a companheiros que não avançavam com sua fibra e perspicácia na interpretação da situação histórica peruana e latino-americana. Não cedeu o passo. Levou seus combates às últimas conseqüências, oferecendo a todos as mesmas respostas de quem sabe o que faz e por que faz. Em conseqüência, sua figura admirável eleva-se como exemplo em um universo de oportunismo e capitulação".

"Exagerava suas opções teóricas ou práticas ? O êxito do capitalismo acarretava o abandono da utopia ? Nada disso. A história avança por um curso que é construído por seres humanos, e as contradições que os separam aumentaram sem cessar. Ele lembra que nossas raízes brotam e sobrevivem na América Latina. A escolha entre o colonial, o privilégio e a rebelião pode medrar segundo ritmos históricos lentos e sinuosos. Mas ela não se desvanece como as nuvens. A menos que a subalternização penetre e paralise os que sofrem a opressão e a miséria, sucumbindo à condição de escravos".

Após Mariategui, Florestan nos fala sobre Caio Prado Júnior, que, "como Mariategui, portanto, plantou o marxismo na América Latina e esperava deste seu partido (o PCB) uma orientação revolucionária específica e coerente".

Em três ocasiões, Florestan escreveu sobre Mariategui:

No Prefácio (escrito em outubro 1974) aos "7 Ensaios". No texto para o Anuário (1994) dos 100 anos de Mariategui, 20 anos após aquele Prefácio. E, em "A Contestação Necessária" (1995), que de um lado, traz um Prefácio escrito em 1995 e, de outro, retoma o texto escrito para o Anuário de 1994.

No prefácio aos "7 Ensaios", Florestan lamentava que "somente agora, depois de quase meio século após sua publicação original em livro, ela se torne acessível ao público e aos estudiosos brasileiros". Para Fernandes, Mariategui teve 2 objetivos nestes Ensaios,

- 1- contribuir para a crítica socialista dos problemas e da história do Peru;
- 2- concorrer para a criação de uma versão peruana do socialismo.

"Mariategui é o nosso "irmão mais velho", numa CADEIA DE LONGA DURAÇÃO, a qual mostrou sua primeira florada na década de 20, atingiu um clímax histórico com a revolução cubana..."

" O que ficou desse intento revolucionario (...) ? Ficou a proposição de uma ótica revolucionaria, que não é um ersatz intelectual, mas uma resultante coerente da aplicação do materialismo histórico à interpretação da realidade peruana (e, por desdobramento e ampliação, da realidade latino-americana).É fácil, hoje, dizer-se que se poderia Ter ido mais longe nisto ou naquilo e condenar a interferência de fontes não-marxistas ou para-marxistas sem eu pensamento.

Tomando-se o "aqui" e o "agora" ,porém : quem foi mais longe ? e quando ? Essas perguntas não são retóricas.Mariategui não se afirma apenas como pioneiro.Ele promove as primeiras análises concretas, de uma perspectiva marxista, de vários temas cruciais:

- a formação do capitalismo na Espanha;
- a irradiação do capitalismo da Europa para a América Latina;
- as transformações da dominação imperialista sob o impacto do aparecimento e fortalecimento da grande corporação ou da presença norte-americana;
- e, sobretudo, as relações entre a base econômica e as estruturas sociais e de poder da sociedade peruana, nas varias fase do período colonial e do período nacional.

Naquele momento, outubro de 1974, marcado pelo inicio da " abertura politica",inicio do fim da ditadura militar no Brasil, Florestan dizia que :

" Por fim, coloca-nos diante de um exemplo que é, em si mesmo, um desafio. Mariategui pagou um alto preço à sua independência, honestidade e firmeza revolucionaria. Ele é o tipo de autor que devemos ler e reler com atenção,numa época que exige de nós que botemos todo o nosso sangue na defesa de nossas idéias- e na qual a alternativa para a luta sem tréguas por uma sociedade de homens livres para homens livres é a servidão".

Já o texto para o Anuario,de 1994 e,sobretudo, o Prefacio de 1995 para o livro " A Contestação Necessária", o momento era outro: o bloco no poder saia vitorioso em mais um processo de " revolução passiva" à brasileira, iniciado em 1985 ,com a Nova Republica, e 1989 ,com a derrota de Lula para Collor,em conjunto com a derrocada do socialismo estatal burocrático no Leste europeu.Tomava corpo a política neoliberal.

Florestan ,então, retoma o Prefacio de 1975 ,ampliando-o.Mantém o texto para o Anuário de 1994 e, situa os desafios novos no Prefacio para seu livro sobre os Intelectuais e Revolucionários(1995).

No texto intitulado " Significado atual de J.C.Mariategui", Florestan nos dá sua visão da obra do Amauta.

No epigrafe,citando Aníbal Quijano,Florestan capta o núcleo gerador da obra mariateguiana:

"O recurso à diversa realidade entre Europa e América Latina, como defesa perante o eurocentrismo...".Ou seja, a base da reflexão que conduz a dialética entre tradição x modernidade.

Vejamos em longas citações as idéias de Fernandes.

Já se discutiram muito as contribuições de Mariategui...Nenhum dos assuntos e atributos chegou a ser esgotado.Ele escapou, entretanto, às falhas da memória coletiva e sua presença superou todas as formas de isolamento que ameaçaram sua obra ainda em vida.isto aconteceu porque FOI MAIS QUE ' UM FERMENTO RADICAL' da ordem - um autentico revolucionario, que exerceu influencias pioneiras com raízes profundas na realidade americana.

INTERESSA-NOS O QUE ELE REPRESENTARIA, HOJE ,GRACAS ÁS PECULIARIDADES DO SEU PENSAMENTO E AÇÃO,NESTA TRAGICA ETAPA DE NEGAÇÃO DO SOCIALISMO. Parece que o capitalismo oligopolista automatizado e "global" suprimiu para sempre as diversas correntes do anarquismo ,do socialismo e do comunismo...

É uma aventura arriscar-se às indagações que proponho...É obvio que Mariategui não engoliria a mistificação do " socialismo está morto". Ele sabia amadurecidamente que o capitalismo não consegue resolver os " problemas humanos" , que ele gera e multiplica...Sua convicção era clara: os progressos do capitalismo redundam em aumento geométrico da barbárie. Essa realidade sempre foi subestimada de uma perspectiva eurocentrica.Um marxista peruano, todavia, não tem porque se enganar a respeito.Basta olhar para trás ou para o presente.Exitos e progressos trazem consigo contradições crescentes - no extremo fatal, implosivas. Uma civilização que repousa na riqueza, na grandeza e no poder, por quaisquer meios exige um sistema social de exclusão, opressão e repressão....".

Florestan expõe o modo como o peruano via o sistema capitalista, como expressão de uma civilização. E não somente um modo de produção.

" Por isso, o dialogo com Mariátegui deve possuir a natureza de uma opção lúcida. O que está dado como uma " sociedade aberta" ou como uma " ordem social-democratica" fecha-se para a imensa maioria (silenciosa ou contestadora) e só oferece "democracia" às elites no poder (isto é, às classes dominantes). A questão não abarca todas as técnicas, instituições e valores sociais dessa civilização. Mas seus fundamentos axiologicos e tecnológicos, asfixiantes e incoercivelmente corrosivos."

Florestan, formula,então,toda uma serie de questões sobre o capitalismo em sua etapa atual:

" Portanto, nos dias que correm, Mariátegui - ao contrario de tantos anarquistas, social-democraticos, socialistas e comunistas - encontraria dentro de si a indagação fundamental:

- como representar e explicar a totalidade histórica intrínseca ao capitalismo monopolista automatizado ?
- O que ele promete de novo à evolução da humanidade e da " civilização pós-moderna" ?
- O que reserva aos de baixo, à "escoria", ao "trabalhador mecânico" inativo, aos estratos inferiores e intermediários das classes medias ?
- O que ele remete e arranca da periferia, subcapitalista ou em desenvolvimento capitalista, e aqueles países nos quais a lenta transição para o socialismo não foi ainda arrasada?

- Ciência, tecnologia, tecnocracia racionalizada foram, por fim, colocadas a serviço dos "homens livres e iguais" ou servem apenas à concepção romana de riqueza, grandeza e poder - repetida no "destino manifesto" dos Estados Unidos e na conglomeração de potências que encarnam a mesma aspiração de atingi-la ?
- E qual é a essência civilizatória desse mesmo capitalismo ultramoderno ?
- Ele contém a propensão para abolir as classes, a dominação de classes e a sociedade de classes?
- Ou as oculta por trás de uma miragem pela qual a "ideologia" escamoteada reaparece com vigor nunca pressentido no "neoliberalismo" ?

Sem nenhuma dúvida, questões para as quais as esquerdas, em reestruturação, necessitam "escavar nas profundezas".

Para Florestan, Os 7 Ensaios de interpretação da realidade peruana e, Em Defesa do Marxismo, "delimitam a postura de Mariategui". Florestan critica o erro das óticas eurocentricas e bolcheviques no seio do marxismo e, vê em Mariategui "o intelectual mais puro e apto para perceber o que sucedeu, se estivesse vivo, para traçar os caminhos de superação que ligam dialeticamente a terceira revolução capitalista à plenitude madura do marxismo revolucionário".

Para Fernandes, no debate de Mariategui com Haya de la Torre, "patenteia-se, pois, o quanto Mariategui transcendeu a órbita do marxismo triunfante do seu tempo e o quanto ele compartilha conosco a necessidade de ir mais longe para ver".

"Desse ângulo, Mariategui é o farol que ilumina, dentro da pobreza e do atraso da América Latina, os limites intransponíveis da civilização capitalista e as exigências elementares da "civilização sem barbárie", que as revoluções proletárias não lograram concretizar.

- Era cedo demais?
- Elas perderam o rumo?

Essas são perguntas que só a história em processo poderia responder. As equações de Mariategui classificaram precisões contidas na tradição clássica, paradoxalmente como se ele fosse um Max Weber a serviço do comunismo (repetindo, de certa maneira, a tragédia de Gramsci)".

A "condição de peruano"

Florestan avança na definição do caráter do "específico nacional" em Mariategui.

"É natural que o Peru ocupe uma posição privilegiada no pensamento de Mariategui. Ele procede, não obstante, rente à tradição marxista - Peru não se desloca das várias Américas e da inserção passiva-ativa de todos os envolvidos nos mundos históricos dos "conquistadores", antigos e modernos sua condição de peruano é básica. Ele tinha atrás de si e sob seu olhar uma grande civilização, o destino dos seus

portadores e os seus escombros. Isso o impelia ao estudo do passado e do presente que nenhum outro marxista de envergadura poderia realizar. E o obrigava não só a busca de analogias e de diferenças que procediam ou da situação homóloga das "nações emergentes" das Américas de matriz ibérica, ou do caráter variável da colonização e da independência como processos de longa duração".

Florestan define esse resumo como "supérfluo e desnecessário", mas que o fez para salientar a experiência europeia de Mariategui: "Os 7 Ensaio de interpretação da realidade peruana permitem sondar por que ele mergulhou sem retorno nessas vias e, depois, ultrapassando-as, propôs-se enriquecer o marxismo fora e acima dos eixos eurocentricos".

Enfim, para Florestan "A atração de Mariategui pelo marxismo, malgrado outras influencias divergentes e em dados momentos muito fortes, brota da descoberta de uma resposta à sua ansiedade de observar, representar e explicar PROCESSOS HISTORICOS DE LONGA DURAÇÃO e de uma PROPOSTA REVOLUCIONARIA concomitante, QUE VINCULA DIALETICAMENTE PASSADO, PRESENTE E FUTURO". A inteligência de Mariategui "deitava raízes mais profundas no esclarecimento do ser, no ENTENDIMENTO INTEGRAL DE UMA CIVILIZAÇÃO NATIVA ESTIOLADA PELA COLONIZAÇÃO e na necessidade de romper com um opróbrio que esta só explicava parcialmente".

Com o desabamento do socialismo estatal e a ascensão do neoliberalismo, para Florestan Fernandes, "encerrou-se um período de longa duração da historia recente". Nosso autor assinala uma "ironia da historia":

"O fantasma das sociedade pobres e subdesenvolvidas da América Latina resultava de uma contradição: fascismo ou socialismo?. Neste contexto, as proposições de Mariategui marchariam como antes, de acordo com a redução de Engels: socialismo ou barbárie? São proposições que não foram varridas pela tempestade. Mariategui ainda se ergue como um farol, que ilumina o horizonte intelectual e político dos que querem conferir aos latino-americanos a opção pelo marxismo".

Após esta "abordagem global" por Florestan da obra de Mariategui, voltemos à nossa questão:

4. Porque Mariategui ?

Carlos M. Rama, em sua obra pioneira sobre a "Historia Del Movimiento Obrero y Social Latino Americano", destaca o que chama de "uma corrente desviacionista" no socialismo de nosso continente. Assim, afirma que "Desde o ponto de vista ideológico, é interessante destacar como surge uma constante tendência latinoamericana a favorecer a heterodoxia, a marginalidade, em respeito às correntes fundamentais do socialismo europeu. Isto vem desde o êxito inicial dos socialismos utópicos, saintsimoniano ou fourierista..."

C. Rama destaca os 'progressos estritamente teóricos do marxismo latinoamericano de nosso século, que tem personalidades de grande relevo, desde José Carlos Mariátegui até Aníbal Ponce".

As experiências e lutas revolucionarias da América Latina reencontram o pensamento de Mariategui. Não é por acaso. A crise dos sistemas pós-ditaduras militares e a pressão das alternativas democráticas, suscitam mais que questões de ordem conjuntural; dizem respeito ao caráter específico da realidade latino-americana e a definição de um "marxismo latino-americano", para o qual Mariategui é referencia obrigatória. Para os

revolucionários do continente, Mariategui é, acima de tudo, um exemplo único de unidade dialética entre a especificidade nacional e a perspectiva mundial.

Um dos mariateguianos, que aprofundou a via do peruano sobre o socialismo, César Germana, na introdução a seu livro "El 'socialismo indo-americano de Jose Carlos Mariategui'" (Amauta, 1995), nos fala da vigência de Mariategui:

"Em minha opinião, neste momento crucial da humanidade Mariategui tem algo que nos dizer. Desde o ponto de vista privilegiado de nossa atualidade, é possível por em relevo aqueles aspectos da concepção socialista do Amauta que não conduzem a aporias socialismo burocrático nem a passividade das democracias liberais. É bom notar que, apesar do tempo transcorrido desde sua morte, em sua obra se mantêm vivos alguns temas que permitem contribuir com novas perspectivas ao velho debate sobre o socialismo"

E, que: "A problematização do socialismo parece com mais urgência em um momento histórico, como o que estamos vivendo, em que se tem a impressão de que um período da humanidade chega a seu fim e que outro está surgindo, sem que as exigências de liberdade e igualdade tenham sido realizadas pelo capitalismo e pela democracia liberal".

Nas palavras de Roland Forgues, "após a queda do muro de Berlim e a derrocada do 'socialismo realmente existente' na ex-URSS e nos países da Europa do Leste, o redescobrimto da obra de Mariategui tornou-se uma necessidade histórica".

Na apresentação à Coletânea "J.C. Mariategui e o marxismo na América Latina", publicada em 2002, podemos ler que: "A importância desta reapresentação, torna-se ainda mais relevante num momento de crise e de dificuldades múltiplas enfrentadas pela(s) esquerda(s) em geral. Seu marxismo, altamente criativo e renovador, pode oferecer elementos e subsídios, não só teóricos e históricos, mas sobretudo políticos, para todos aqueles que buscam construir uma sociedade mais democrática, igualitária e fraterna".

O socialismo, na visão de Mariategui, porta elementos fundamentais na perspectiva da 'autogestão socialista': a democracia direta tem um papel importante em sua visão; o papel das diversas formas de auto-organização dos trabalhadores.

A reconstrução da esquerda na América Latina, neste contexto de início de século, com todas suas questões, "Em muitos sentidos responde ... a histórica visão do início do século, que tiveram Martí, Mariategui, Haya de la Torre, Sandino, Zapata, Recabarren e outros: "NACIONALIZAR A TEORIA".

Corresponde ao que, no mesmo período na Europa, foi sintetizado por Gramsci. Abordando a situação pos-1917, afirma G. Vacca, "A reelaboração do marxismo e a definição de suas tarefas atuais são uma necessidade, porque no seu desenvolvimento histórico e no seu estado atual o marxismo lhe (para Gramsci) aparece largamente imprestável. O seu deslocamento do marxismo da Segunda e Terceira internacionais consoma-se de forma profunda; assim, é em aberta polêmica com esses que Gramsci culmina o próprio programa de pesquisa na reelaboração da forma teórica do marxismo".

Dentre os problemas atuais com os quais se defronta a esquerda, cinco fatos de porte mundial condicionam o debate sobre socialismo e democracia na América Latina:

- 1) O colapso do modelo capitalista liberal na América Latina, evidenciado no que ficou conhecido como "décadas perdidas";

- 2) A desintegração do modelo do "socialismo estatal burocrático" na Europa do Leste e na URSS;
- 3) A intensificação da concorrência inter-imperialista;
- 4) O declínio da potência industrial dos EUA e o aumento da sua influencia ideologico-militar;
- 5) O fim da Guerra Fria, com a abertura de um novo ciclo de conflitos no Oriente e entre Ocidente e Terceiro Mundo.
- 6) Os problemas colocados às esquerdas, pelos possíveis fracassos ou vitórias, de superação do neoliberalismo (governos Lula , Taboré e Chaves,por exemplo).
- 7) a necessidade de referenciais teóricos para o novo período de 'reestruturação das esquerdas'.

Pensamos que o aporte teórico de Mariategui nos dá elementos valiosos para tratar estas questões, como também sua insistência sobre o "sentido heróico e criador do socialismo", combinando com sua defesa da solidariedade internacional.

Marxismo e Eurocentrismo

Estudando o marxismo latino-americano, Portantiero afirma: "A não ser ocasionalmente, em momentos muito pontuais ou parciais da produção teórica e da pratica política, os socialismos clássicos ligados a... tradição das Internacionais foram capazes de elaborar um projeto hegemônico ou de avançar problemáticas que pudessem colaborar nesta direção... Na obra de Mariategui aparece pela primeira vez um projeto amplo de constituição de uma vontade coletiva nacional-popular... As proposições de Mariategui ficaram no meio do caminho, por sua morte prematura e pelo bloqueio que a elas fez a III Internacional".

Da mesma forma, para Orlando Nunez e R.Burbach : "é necessário compreender o legado histórico do marxismo nas Americas. Com a notável exceção de Cuba e, em certo sentido, o Chile, nenhum pais capitalista no hemisfério tem uma tradição marxista plantada".

A triste realidade é que o marxismo não tem podido enraizar-se profundamente nas Americas... Uma possível explicação poderia ser que o marxismo... não foi capaz de desenvolver uma abordagem teorico-estrategica que responda ...as condições históricas especificas que existem nas Americas".

Em parte, isso se deve as origens européias do marxismo... Ate a Revolução Cubana, as Americas tinham poucos estrategistas e teóricos revolucionarios capazes de formular programas de luta política próprios. Um rápido percorrer pela historia dos movimentos sociais e comunistas nos EUA, América Latina e Caribe, ilustra as carências nesse sentido.

"A submissão dos PCs nas Americas em relação as propostas políticas da Terceira Internacional refletem a debilidade fundamental do marxismo no continente: sua incapacidade para desenvolver uma estratégia revolucionaria independente e nativa. Durante os anos de seu apogeu (anos 20 e 30) o movimento comunista fracassou no

objetivo de produzir seu próprio corpo de teóricos marxistas capazes de desenvolver programas e estratégias políticas específicas em resposta ...as condições políticas específicas enfrentadas pelos comunistas em seus próprios países.

Isso não quer dizer que não houve alguns intelectuais nos partidos que fizeram contribuições valiosas, tal , o caso de Mariategui no Peru, ou Julio Antonio Mella em Cuba. Porém, em geral, o trabalho intelectual surgido nas Américas era uma mera adaptação das idéias e princípios políticos que se haviam desenvolvido na Europa".

Onde o socialismo foi vitorioso na América Latina, o foi sob formas originais. Em Cuba e Nicarágua, a luta socialista processa-se dentro de uma matriz de cultura política policlassista, nacionalista e anti-imperialista. Neste processo, o marxismo não se "esconde", simplesmente se nacionaliza. Trata-se do problema sobre o estilo de como pensar o marxismo na América Latina. Nas palavras do poeta revolucionário Ricardo M. Avilés: "Temos que estudar nossa história e nossa realidade como marxistas e estudar o marxismo como nicaraguenses". Nas pistas de Mariategui, no seu sentido de "um socialismo indo-americano", a revolução sandinista pôs o marxismo sobre os pés.

Para, José Arico, um estudioso de Mariategui, "uma genuína e criadora interpretação da doutrina de Marx ocorreu no Peru, com Mariategui, que sentou as bases para um efetivo processo de nacionalização do marxismo. Este processo assumiu características contraditórias ... não como forma acabada de uma teoria sistemática. Surge em forma inorgânica de intuições. O que Mariategui produziu foi a iluminação de um caminho, ao incorporar a experiência européia como lição". Para José Arico, a "via crucis" do marxismo na América Latina, foi sempre a dificuldade para tratar o "nacional", o que põe questões de ordem estratégica, pois, o objeto da pesquisa e da análise, "o movimento real", está sempre "nacionalmente" situado.

Como dizia Mário de Andrade, "A arte musical brasileira... tem inevitavelmente de auscultar as palpitações rítmicas e ouvir os suspiros melódicos do povo, para ser nacional e por conseqüência, ter direito a vida independente no universo (porque o direito de vida universal só' se adquire partindo do particular para o geral, da raça para a humanidade, conservando aquelas suas características próprias, são o contingente que enriquece a consciência humana. O querer ser universal desraçadamente é uma utopia. A razão está com aquele que pretender contribuir para o universal com os meios que lhe são próprios e que vieram tradicionalmente da evolução do seu povo".

Os comunismos ou marxismos latino-americanos basearam-se mais que numa confrontação sobre estratégias nacionais, na vontade de "aplicar Lenin, Trotsky, Mao, etc."

A polémica histórica entre A.Mella e Haya Torre, sobre a criação do APRA, foi marcada pelo sectarismo: Mella afirma que a revolução mundial é o determinante e que os processos nacionais são secundários. Existia uma visão sectária em relação aos movimentos que tentassem dar vida a um movimento "indo-americano". Mariategui reagiu contra estes simplismos, afirmando que: "o socialismo na América Latina é impossível sem resolver a questão nacional".

Usamos o "nacional" diferentemente do "nacionalismo". Assim, nas palavras de Victor Tirado: "ir a raízes da pátria, reivindicar e usar o pensamento nacional como fonte para construir a teoria revolucionária própria, não é ser nacionalista, no sentido de fechar-se em si mesmo".

Como dizia Arguedas: "Por isto não pode surpreendernos que o criador autêntico latino-americano em todos os campos, resulte em última instância, um nacionalista, pelo simples fato de ser original e autêntico". Da mesma forma, Arguedas define o papel de

Amauta, "A revista Amauta instou os escritores e artistas a que tomassem o Peru como tema".

A experiência dos anos 20, marcada de um lado, pela COMINTERN, e pelo outro, pelo APRISMO, tinha como elemento comum dominante o "ESTATISMO". Para ambas estratégias, só o poder estatal possibilitaria a transformação social na América Latina. Por isso, a vigência de Mariategui repousa no profundo espírito libertário que toma conta de sua obra crítico-prática, suscetível de "sugerir uma nova cultura política autogestionária para nossos dias. Não a partir do protagonismo principal dos partidos políticos... mas, desde a consolidação do processo de auto-organização dos explorados em forma democrática e unitária. O que supõe impulsionar a generalização das iniciativas autogestionárias de democracia direta de base, nas diferentes esferas da atividade social... deste modo, a "criação heróica" de que falava Mariategui, significa o desafio de construir desde baixo, em meio a vida cotidiana, a democracia, a nação e o socialismo". Eis um "cardápio" contrario a todo tipo de "Socialismo estatal e burocrático".

Um pensamento Gramsciateguiano

Em relação a Gramsci, Mariategui evocava, com outras palavras, a preocupação com a construção de uma vontade nacional-popular, coletiva, e uma reforma intelectual e moral, como premissas do socialismo. A questão gramsciana, de como se pode suscitar esta vontade nacional-popular, tanto o APRISMO quanto a COMINTERN, responderam desde a perspectiva do Estado. A sociedade fica excluída do processo. Na visão do "Amauta", o determinante é a sociedade, incluindo a reforma intelectual-moral: para que a revolução fosse algo mais que um processo "por cima", uma "revolução passiva", deveria previamente modificar a consciência dos homens e romper a inércia da tradição que mantém as massas populares na passividade. Percebemos, aqui, a dimensão da "Revolução Ativa de Massa", derivada do conceito gramsciano de "revolução anti-passiva".

A relação Gramsci-Mariategui, poderia se encaixar no que M.Lowy chama de "afinidades eletivas". Vejamos a definição de Lowy: "Designamos por 'afinidades eletivas' um tipo muito particular de relação dialética que se estabelece entre duas configurações sociais ou culturais, que não é reduzível ... a determinação causal direta ou ... 'influencia' no sentido tradicional. Trata-se, a partir de uma certa analogia estrutural, de um movimento de convergência, de atração recíproca, de confluência ativa, de combinação podendo chegar a fusão".

Portantiero define o pensamento de Gramsci como "uma obra aberta a cada história nacional, concepção para teoria e prática políticas que buscam expressar-se em 'línguas particulares', e, conclui: "não é por acaso que esta abertura de estilo gramsciano influenciou sobre a primeira possibilidade de aplicação criadora do marxismo no plano intelectual na América Latina: o pensamento de Mariategui".

Como afirmou mais recentemente A.Bosi, "Falar dos ideais políticos de Mariategui nos dias de hoje, em tempos de Perestroika e Glasnost, e em vias de encerrar-se (ou quase) o escuro ciclo das ditaduras do Leste europeu, deixa na boca um sabor agriço de ambivalência... Mas, a nossa imagem do pensador peruano não se constrói apenas com aquelas suas expectativas que o socialismo real em parte frustrou. A sua memória é acre, repito, mas também doce. Relendo os "Sete Ensaios" e outros textos de crítica

ideológica, vê-se o quanto se exerceu a sua inteligência em função de problemas ainda hoje básicos para o marxismo e para a vida pública latino-americana".

Enfim, o que é doce e o que é acre em Mariategui? O que está vivo e o que está morto no "Amauta"?

No conjunto das questões atuais do marxismo, em que incide mais o pensamento de Mariategui?

Por certo, não há em Mariategui uma teoria do Estado, e, pouco material sobre o problema da revolução, o partido, alianças, táticas, etc. Mas, com certeza, onde sua contribuição é mais importante é no que diz respeito a análise dos modos de produção, o campo da teoria das superestruturas: a questão da consciência social, os modos de "representação", o problema das ideologias, a teoria da cultura, contra os mecanicismos, a questão da ética, etc.

Portanto, o marxismo de Mariategui não é provinciano, mas antecipatório, nas pistas de Gramsci. Talvez, o que poderíamos chamar de um "materialismo cultural" ou na feliz expressão de Z.Bauman, "a cultura como praxis".

Julio Gódió nos chama a atenção para o fato de que "já nos anos 60, sob a influência direta da revolução cubana se introduziu a categoria de "Revolução Continental", Rodney Arismendi e outros destacados políticos se preocuparam em impedir as simplificações...A desigualdade de desenvolvimento econômico, social e político, se expressa em nossos países através de indicadores acerca de situações de crises ou estabilidade políticas; de distintas histórias culturais; coexistência de diferentes línguas; características de classe diferentes...".

"Entretanto é possível encontrar um "elo de metodologia política" que una a diversidade. Godio assinala em relação a Revolução Nicaraguense, "o elo político-cultural que uniu organicamente os sandinistas ...as massas trabalhadoras foi o Sandinismo. Este elo político-cultural é um 'dado' a ser construído por todos os revolucionários da América Latina, um elemento comum no meio da diversidade continental. Significa construir um 'estilo de pensar' e de 'fazer política', no qual as categorias universais do marxismo se tornam concretas via categorias político-culturais nacionais".

Isso, não tem sido prática corrente entre os teóricos marxistas da América Latina; ao contrário, atuam anulando e desintegrando as categorias nacionais dentro das categorias universais, as quais perdem, assim, sua operatividade histórico-concreta. A experiência das revoluções em processo e, também, as inconclusas da América Latina, indicam a primeira regra para levar em conta, para formação de um bloco histórico "Nacional-Hegemonico": verificar na prática as formulações teóricas, estudá-las em seu movimento real e, este movimento real das categorias existe na linguagem popular, como resultado de uma nova praxis. O fundamental consiste em organizar e orientar o 'movimento real' das classes sociais, e neste sentido, o marxismo, "um guia para a ação" e não um conjunto de receitas.

Na verdade, são muitas as afinidades entre Gramsci e Mariategui. Neste sentido, A.Ibanez realizou uma espécie de "leitura gramsciana de Mariategui". Aponta a principal convergência na questão da "hegemonia" e da "reforma moral e intelectual".

José Árico, outro estudioso de Gramsci-Mariategui, aponta que o significado de Gramsci para a esquerda argentina dos anos 60, condensou-se na "busca da realidade": "No fato de que ele contribuiu decisivamente para trazer a cultura marxista para a concreticidade, para o encontro com uma realidade da qual estávamos alienados".

Como o conjunto da esquerda da América Latina, a Argentina "nasceu e se desenvolveu sem a herança e o suporte de uma tradição nacional". A exceção, foi Mariategui. E, conclui Arico: "... Mas só descobrimos Mariategui através de Gramsci". Só os caminhos divergentes das convergências. Ora, o comandante Omar Cabezas "conheceu" Sandino através de "Che" Guevara.

Arico resume e sintetiza sua experiência gramsciana: "Gramsci nos permitiu fixar duas orientações... a) a busca do contexto nacional a partir do qual pensar o problema da transformação e do socialismo; b) a plena adesão a perspectiva socialista, entendida como um processo que se desenvolve a partir da sociedade, das massas, de suas instituições e organismos... O tipo de marxismo que buscávamos e para o qual o pensamento de Gramsci nos ofereceu os mais altos estímulos e contribuições, não tentava encontrar a razão de sua própria validade em si mesmo, mas na sua capacidade de se confrontar com os fatos de uma realidade em transformação".

Também para Mariategui, o marxismo não era uma bíblia, mas um instrumento de análise, um modo de interrogar a realidade. Não era um conjunto de definições e regras. Como lembrava Carlos Fonseca, "O importante não é declamar frases dos grandes revolucionários universais, mas aplicar a realidade, com criatividade seus ensinamentos. Em todo caso, estes revolucionários não nos legaram meras frases, mas toda uma ação criadora".

A partir de sua peculiar articulação entre marxismo e nação, Mariategui elaborou um modo especial, peruano, indo-americano e andino, de pensar Marx; precisamente por ser mais peruano, converteu-se em universal. Conseguiu propor um marxismo tão diferente quanto o de Gramsci e Lukacs e, tão valioso como o de ambos".

Mariategui usou uma "chave hermenêutica" através do verbo "agonizar": um marxismo agonico, elaborado longe de quaisquer academias, envolto nos fatos cotidianos das multidões, das ruas, submerso na vida cotidiana, no senso comum. "Agonia como símbolo de luta, contra a morte, como 'criação heróica'".

O Amauta rompeu o círculo de ferro da Comintern. Pois, para esta, não existia realidade peruana, tão só os "países coloniais". Peru, Argentina, Brasil, etc., eram todos iguais. Existia na Comintern um "assombroso desprezo pelo reconhecimento do campo nacional". Neste sentido, o "mariateguismo" pode significar a tentativa de articular socialismo e nação.

Nesta perspectiva, dois aspectos se destacam no pensamento de José Carlos Mariategui:

- 1) a relação teoria-prática, ou seja, o Método;
- 2) o "Caráter Nacional".

Em relação ao primeiro aspecto, Mariategui não encarava a teoria de Marx como um fetiche, um conjunto de regras que deveriam ser aplicadas "mecanicamente" a quaisquer realidades. Questionou o método da "aplicação", substituindo-o por uma "verdadeira recriação da teoria em contato, sempre vivo e novo, com a realidade socio-histórica concreta". Segundo Arico, "A universalidade do marxismo não reside em sua capacidade de ser aplicado a qualquer circunstância, mas na possibilidade que tem de recriar-se em circunstâncias determinadas".

Seguindo as "Notas" gramscianas do QC, em termos gerais, uma teoria só torna-se organicamente operativa quando é "traduzida" ao "nacional". Para isto, precisa apoiar-se em uma força social de caráter estratégico e, mesclar-se na cultura nacional-popular.

Diz Gramsci: "as idéias não nascem de outras idéias, as filosofias não engendram outras filosofias, são sempre expressão renovada do desenvolvimento histórico real". A verdade do marxismo se expressou em Mariategui na linguagem da situação concreta do Peru.

Em relação ao segundo aspecto, do campo nacional, ocorre uma tensão dialética e fecunda entre a validade tendencialmente universal da ferramenta "científica" do marxismo e, a necessidade de verificar concretamente o acerto de suas colocações a partir de realidades socio-historicas determinadas nacionais". Portanto, um marxismo metodológico, criador, nacional e aberto. No caso do peruano a "captura" do tema indigenista operou a "nacionalização" e a "peruanização" do seu marxismo.

Em seu prólogo ao livro "Peruanicemos Al Peru", César Mayorga afirma que, para "peruanizar o Peru", Mariategui operou com dois princípios:

- 1- Conhecer a realidade nacional. À classe feudal não lhe interessava nunca o este conhecimento, é a burguesia que intentou fazê-lo , em parte com fins particulares, mais que sociais ou nacionais: conhece-lo um pouco para explorá-lo mais.Só o socialismo aspira a conhecer um país para liberação e servir às classes exploradas e oprimidas.isto não exclui o dever inelutável de conhecer a realidade internacional. "Temos o dever de não ignorar a realidade nacional; mas também temos o dever de não ignorar a realidade mundial" (Mariategui);
- 2- o conhecimento da realidade peruana deve começar da realidade nacional deve começar fundamentalmente pelo conhecimento da realidade econômica." Não é possível compreender a realidade peruana sem buscar e sem olhar o fato econômico"(Mariategui)

Viagem ao Mundo Inca

Entre 1916 e 1923 , ocorreu no Peru um novo ciclo de rebeliões indigenas andinas de caráter milenarista.O Governo de Leguia (1919-1930),com suas reformas sociais ,possibilitou uma presença ativa de velhos e novos atores sociais,e,entre eles, os índios.Os grupos étnicos realizam em Lima, seus primeiros Congresso Nacionais,os operários lutavam pela jornada de 8horas e os estudantes viviam as lutas pela reforma universitária;uma nova intelectualidade surgia com as universidades populares, debatendo a reflexão nacional em contato com índios e operários.

Flores Galindo retrata este momento: “ O descobrimento das classes populares esteve acompanhado nestes anos com o encontro com uma espécie de onda sísmica –para empregar uma metáfora do próprio Mariategui- que desde os departamentos do sul peruano parecia irradiar-se ao conjunto do país:estas massas indígenas aparentemente resignadas e vencidas, se rebelam e no mundo cinzento da Republica Aristocrática defendem uma reivindicação que parece em um principio absurda ou incompreensível: querem voltar atrás ,recusam toda a historia que tem suportado desde a conquista e desejam recuperar um idealizado império Incaico,e assim mostram uma imagem diferente do país e da Nação.Explode em fins de 1915 e inícios de 1916 em Puno,na província de Azangaro,o efêmero levantamento de Rumi Maqui: um sargento maior da cavalaria cujo nome era Teodomiro Gutierrez Cuevas,de formação ,parece,anarquista,que opta em apoiar as massas camponesas e dirigir uma grande

rebelião. Lamentavelmente, foi descoberta sem seus inícios e foi facilmente sufocada. Porém isto não impediu que fosse uma alternativa que abria os caminhos da esperança”.

Mariategui, escrevendo para imprensa, anotou elementos das rebeliões messiânicas. O fracasso de sua experiência jornalística, ao ter seu jornal invadido pelos militares, leva Mariategui a fazer uma viagem pelo interior do país. Assim, viaja durante 20 dias (1918) visitando cidades na serra central, conhecendo de perto com os índios huanca.

Esta única viagem de Mariategui ao interior do país, foi acompanhado por Ricardo Martínez de la Torre. Foram ao vale do Mantaro e alguns dias em Huancayo.

Vários testemunhos falam de um encontro de Mariategui com a vanguarda indígena, nas vésperas de sua viagem para Europa, no final de 1919. Em Lima, o Amauta teve encontro com o líder Carlos Conderona, um dos principais dirigentes do “Comitê pro direito Indígena Tahuantinsuyo”, de orientação anarco-comunista. Mariategui também conheceu os líderes Carlos Qana e Julian Ayar Quispe, animadores regionais do movimento tahuantinsuyo. Juan H. Pérez lembra de ter visitado Mariategui em sua casa limeña; afirmou que Mariategui fazia parte de um grupo de intelectuais que assessorava o movimento indígena.

Foi de Mariategui a idéia de convocar um Congresso Nacional de dirigentes indígenas. A viagem a Europa interrompeu esta série de contatos.

Todavia, em sua volta da Europa (1923), Mariategui participa da Universidade Popular González Prada e, assim, retoma contatos com o movimento indigenista peruano. Portanto, busca decifrar teoricamente o ‘problema indígena’, e formular as bases de um projeto socialista indo-americano.

Quando volta ao país, Mariategui encontra o fim de uma grande convulsão agrária, que afetou sobretudo os departamentos do sul andino. A ocorrência quase simultânea de motins e revoltas rurais no altiplano puneno, nas alturas de Cuzco, tanto em Ocongate como em Espinar, a onda rebelde chega a Andahuaylas, inclusive Ayacucho, Cailloma e as alturas de Tacna. Por exemplo, em 1921, em Tocroyoc os comuneros das alturas tomam ao povoado, pedindo a expulsão dos mistis dos fazendeiros e defendem a restauração do Tawantinsuyo. As notícias destas rebeliões chegam a Lima, sobretudo, quando da realização de Congressos da raça Indígena, que Mariategui chegou a assistir; em um destes, conhece, então, o líder puneno Ezequiel Urviola.

Estas rebeliões fazem parte de um amplo ciclo, iniciado desde o século XVI, na resistência nativista à conquista, prolongado depois na revolução de Tupac Amaru.

Mariategui descobre que o termo ‘tradição’ não é exclusivo do pensamento reacionário, mas que, ‘existe uma relação diferente com o passado que não é passiva veneração dos mortos, mas que é luta pela defesa de uma cultura que resiste a morrer’.

Após a repressão à rebelião indígena em Puno, a Universidade Popular acolheu alguns líderes. Carlos Conderona levou Mariano Larico à casa de Mariategui. Em 1923, Hipólito Salazar funda a FIORP (Federação Indígena Operária Regional Peruana, junto com dirigentes comunais de Puno, Arequipa, Huancavelica e Lima. Hipólito foi um dos líderes sobreviventes da rebelião de 1923, em Huancane. Estes líderes indígenas, estavam em contato permanente com Mariategui. Este criticava a orientação ‘anarco-comunista’ da FIORP, contudo, reconhecia sua ‘franca orientação revolucionária da vanguarda indígena’. “A casa de Mariategui era um espaço de tradução do castelhano e, do quéchua e do aymara.

Nesta década de 20, um elemento foi importante no Peru; as Escolas Comunitárias, autogestionárias, bilíngües e biculturais. Em Cuzco, Francisco Chuquiwanka

Ayulo tinha um escola segundo o modelo de Ferrer Guardiã, que defendia a volta ao ayllu, a comunidade livre, ao município comunista.

Todo este trabalho entno-cultural permitiu a ‘resemantização do socialismo’. O líder andino Manuel Camacho Alga afirma que “o Amauta semeou palavras, e, dizia que “ Os “7 Ensayos” foram escritos para mim”.

Ricardo Bao, afirma que ‘o próprio Mariategui é lembrado como um homem de conhecimento no sentido não ocidental do termo, embora ao mesmo tempo se reconheça sua ‘outredade’, isto é, suas evidentes ligações com a cultura urbana crioulo-mestiça. No contexto aymara, a sabedoria tem, sem duvidas, de forma análoga a outras culturas andinas, conotações mágico-religiosas. Mariategui é um ‘bruxo’, um ‘laika’ para los quecguas, ou um ‘yatiri’ para os aymaras”.

Se os Amautas desapareceram com o fim da civilização incaica, pela ação devastadora da colonização espanhola, os bruxos e os anciãos, como homens de conhecimento, sobreviveram no seio dos espaços comunais.

A versão de Mariategui, como ‘bruxo’, foi veiculada por Ezequiel Urviola, líder mestiço (1895-1925), que fez juramento ante a memória de Pedro Vilca Apaza (1741-1780), líder do movimento Tupac Amaru, nas vésperas da insurreição andina de 1923.

Muitos dirigentes indígenas, vinculados ao projeto socialista mariateguista, eram bruxos em suas comunidades, além de dirigentes sindicais e políticos.

Lariço lembra que : “Ezequiel Urviola falava que Mariategui, conhecia bem tudo o que tinha acontecido. Tinha lido muito Mariategui; dizia que pegava um livro de Mariategui e bastava toca-lo, e já sabia o que tinha dentro, quando lia as folhas do livro era exatamente igual ao que tinha pensado, era um Yatiri Jose Carlos Mariategui “

5. A Vida *

A Agonia de Mariategui

José Carlos Mariategui nasceu em Moquegua , no Sul do Peru, em 14 de Junho de 1894. O país andino tinha saído há pouco tempo do desastre da guerra do Pacífico (1879-1883), tendo sido humilhado pela ocupação militar do Chile e perdido parte de seu território. Nesses anos, Manuel Gonzalez Prada acirrava o debate político chamando a atenção do país para a presença dos índios, como elemento fundamental da nacionalidade.

Mariategui é filho de Francisco Javier Mariategui , descendente de uma das famílias mais ilustres do Peru, e de Amália La Chiora, que pertencia a uma família de origens indígenas. Logo cedo o pai abandona a família, e Mariategui , primeiro de três filhos, cresce sob a influência da mãe, caracterizada por uma forte religiosidade que deixará marcas no jovem . Desde a infância, devido a um acidente de jogo, Mariategui sofre de um problema na perna, que o obriga a um longo internamento em Hospital. Neste período, de imobilidade forçada, se dedica a vastas leituras , que formaram a base de sua primeira formação. Mariategui, é um autodidata e terá orgulho desta condição.

Nestes primeiros anos, outro elemento importante será a experiência precoce do trabalho. Após a mudança de sua família para Lima, começa a trabalhar, com 15 anos, na Tipografia do diário “La Prensa”. Após o exercício de várias funções no jornal, passa da crônica policial a crônica política do Parlamento. Isto o leva a uma profunda aversão a ‘política crioula’, dominada pela mediocridade.

Nesta mesma época, com o pseudônimo de “Juan Croniquer”, dedica-se a crônica da vida mundana da capital. Colabora em “Lulu”, dirigida a um público feminino. É coeditor de “El Turf”, revista de hipismo, onde publica crônicas de costumes das corridas dominicais, e contos inspirados no ambiente dos cavalos. Estas atividades, do ponto de vista estilístico, lhe permite afinar sua prosa; do ponto de vista das relações sociais, lhe dá ocasião de conhecer profundamente o ambiente oligárquico e snobe de Lima.

Além deste mundo frívolo de cavalos, cafés e teatros, existe um outro Peru subterrâneo que não aparece nas crônicas. Após trabalhar em “El Tiempo”, 1916, Mariategui começa a escrever peças em que o Índio aparece como sujeito. No Departamento de Puno, na fronteira entre Peru e Bolívia, ocorre uma revolta camponesa de caráter étnico. Entusiasmado, Mariategui aborda as gestas de Teodomiro Gutiérrez Cuevas, militar do exército que liderou a revolta e que assume o nome quéchua de Rumi Maki (Mão de Pedra). No plano mundial Mariategui aprecia de forma favorável a Revolução na Rússia, em 1917.

Nesta fase de sua vida, prevalece o interesse pela atividade artística e pela vida boemia. Participa da revista “Colonida”, dirigida pelo dannunziano Abraham Valdelomar. Escreve poemas. Realiza um retiro em um Convento, onde escreve versos místicos. Neste clima contraditório, em 1917, com amigos organiza uma dança noturna no cemitério de Lima, que tem como protagonista uma bailarina chamada Norka Rouskaya, e que provoca grande escândalo nos setores tradicionais da capital. Mariategui é obrigado a se defender publicamente, alegando motivos estéticos.

Em 1918, junto com César Falcon e Felix del Valle, cria uma editora de orientação socialista. Publica a revista “Nuestra Época”, que assinala a saída de Mariategui a campo aberto, inclusive sendo agredido por um grupo de militares, devido a um artigo sobre gastos militares. Participa de uma comissão de propaganda e organização socialista, da qual se afastará quando caminha para formação do Partido socialista, cuja fundação considera prematura. Nestes anos, surgem grandes movimentos de massa. Os trabalhadores, sob hegemonia anarquista, lutam pela jornada de trabalho de 8 horas e contra a alta do custo de vida. Nas Universidades, sob impulso da experiência iniciada em Córdoba (Argentina), desenvolve-se um movimento pela reforma universitária. No início de 1919, Mariategui, então, abandona o jornal “El Tiempo”, e funda um diário que possa acompanhar estes acontecimentos: “La Razón”, que se torna um ponto de referência para estas lutas. Assim, Mariategui torna-se uma figura pública; surge o líder político e desaparece o artista refinado e decadente.

O Exílio na Europa

As classes dominantes perseguem este novo Mariategui: o Governo e a Igreja fecham seu diário. Neste ano, assume o poder o “populista” Augusto B. Legía, no início com um confuso programa “populista” que despertou atenções. Todavia, sua Presidência, chamada de “Oncenio”, é uma verdadeira ditadura. Mariategui e seu amigo César Falcon são obrigados a deixar o país. Em fins de 1919, ambos partem para Europa. Inicialmente, passam por New York, onde entram em contato com a luta operária dos portuários; sem guia, chegam a França, onde encontram intelectuais e políticos, como, Henri Barbusse.

Ao passo que Falcon vai para Espanha, Mariategui parte para Itália, onde permanecerá três anos, que serão fundamentais em sua formação política e intelectual.

A Itália vivia os anos excepcionais de turbulência da primeira pós-guerra: uma crise do movimento operário dividido entre a ala reformista e a maximalista. Mariategui

acompanha o surgimento da ala comunista no PSI e participa, como jornalista, do Congresso de Livorno, em janeiro de 1921; portanto, assiste a fundação do PCI, com a presença de Gramsci. Segue de perto a evolução dos católicos e do Partido Popular de Luigi Sturzo, e seus laços com os trabalhadores rurais. Analisa a emergência do fenômeno fascista.

No terreno cultural, acompanha as idéias de Benedetto Croce, a experiência do “Ordine Nuovo” de Gramsci, às revistas de Piero Gobetti, e as ruidosas proclamações do futurismo de Marinetti. Da Itália, Mariategui estabelece vasta correspondência com peruanos, que envia ao diário “El Tiempo” de Lima. Em 1969, esta correspondência será publicada com o título de “Cartas de Itália”.

Da Itália, Mariategui pensa na fundação de um PCP, junto com César Falcon, entre outros. Assim, em 1922, realizam um encontro na cidade de Ligúria, em que se redige um documento constitutivo de uma célula comunista, com o objetivo de futuramente constituir um partido. Voltando ao Peru, Mariategui verá que este plano é muito abstrato e ideológico, sua concretização seria uma aplicação de receitas abstratas a realidade peruana.

Na segunda metade de 1922 até o começo de 1923, Mariategui realiza uma viagem a diversos países da Europa. Sobretudo, sua estadia na Alemanha, onde estuda o alemão e tem acesso aos clássicos do marxismo em língua original. Neste itinerário, já está acompanhado de sua esposa Anna Chiappe, com quem se casou em 1921, e da qual já tinha um filho, Sandro, nascido em Roma.

A Volta ao Peru

Em março de 1923, a família desembarca em Lima, após de mais de três anos de ausência.

Sua volta à vida política e cultural peruana ocorre através das aulas que ministrou na Universidade Popular Manuel Gonzalez Prada, criada pelo líder estudantil e futuro fundador do APRA, Victor Raul de la Torre, para criar um diálogo entre estudantes e operários. Mariategui proferiu aulas sobre a história da crise mundial, a partir de sua vivência européia. São 17 aulas, entre junho de 1923 e janeiro de 1924. Tinha como objetivo fornecer uma visão internacional aos trabalhadores peruanos.

O eixo central do discurso mariateguiano é a conjuntura nova criada pela guerra mundial, que está caracterizada por uma grande mutação. Mariategui conclui que, o aparato conceitual das vanguardas dos trabalhadores resultou tido como caducado. Povos europeus e não-europeus redescobrem suas identidades e reivindicam sua presença autônoma na nova ordem mundial.

Ao lado da história política, Mariategui dedica amplo espaço aos movimentos sociais e ideológicos do pós-guerra. E, deste quadro, surge sua simpatia pela corrente revolucionária, distanciando-se das correntes da social-democracia. Pois, para isto, sua vida na Itália lhe permitiu conhecer o marxismo, assimilado em sua versão italiana, com um forte acento antipositivista, tão comum a Segunda Internacional. Lênin é uma forte atração, sendo que Mariategui põe ao seu lado a figura de Georges Sorel, que apresenta como um inovador do marxismo, precisamente pela sua ruptura com o imobilismo positivista. Já nesta fase, encontramos elementos “irracionalistas” e “voluntaristas” no pensamento do peruano.

Estas aulas, só serão publicadas em 1959, com o título de “Historia de la Crisis Mundial”.

Nesta época, Mariategui começa a colaborar nas principais revistas semanais de Lima: “Variedades” e “Mundial”. Seus ensaios analisam a situação internacional e, faz

recensões dos textos mais importantes da literatura contemporânea. Também, assume a direção da revista “Claridad”. Toda esta atividade o torna um ponto de referência da cena política e cultural do país. Mas, em 1924, volta a ter problemas com a perna doente, tendo que amputá-la. Até o fim de sua vida, ficará em cadeira de rodas, sem poder viajar.

Mariategui, então, recebe em sua casa inúmeras visitas e revistas de vários países. Não quer ficar alheio ao mundo; recebe líderes das províncias peruanas e, estabelece uma ampla correspondência no Peru e com vários outros países. Um grupo de estudantes tenta lhe conseguir uma cátedra universitária, recusada pelas autoridades acadêmicas devido ao seu caráter extra e anti-universitário.

Mariategui publica seu primeiro livro: “La escena contemporânea”, em 1925, pela editora Minerva, fundada por ele próprio. Nesta obra, retoma os temas de suas aulas.

Mariategui planeja criar uma revista própria. Chama-a inicialmente de “Vanguardia”; posteriormente, após contatos com os indigenistas, chama-a de “AMAUTA”. (os amautas, no período incaico, eram os sábios). A mudança de título reflete a reflexão sobre a realidade nacional andina, que estava desenvolvendo após seu retorno ao Peru. Após seu retorno, se deu conta do papel fundamental da questão indígena no problema nacional. Na verdade, foi na Europa que passou a conhecer profundamente a América Latina. O problema das nacionalidades, vivido na Europa, leva Mariategui a ler o marxismo em uma chave peruana, seu aporte mais original ao pensamento político latinoamericano. Seus últimos anos de elaboração estarão dedicados a questão indígena.

A partir de 1924, nas páginas da revista “Mundial” escreverá uma seção chamada “Peruanicemos al Peru”. Estes ensaios serão publicados em 1970.

No número inaugural de “Amauta”, aparece a tradução de um texto de Freud e, nos números seguintes, vários ensaios e textos sobre a literatura de vanguarda de cada país. Assim, “Amauta” frente ao público peruano e latinoamericano, desperta horizontes muito amplos, tornando-se, portanto, um fato originalíssimo da cultura latinoamericana. A revista foi fechada, mas reapareceu em dezembro de 1927. “Amauta” traz um encarte chamado de “Boletín de Defensa Indígena”, dedicado a luta contra o latifúndio.

Os “7 Ensayos”

Mariategui conclui sua reflexão sobre os problemas nacionais e a questão indígena, em 1928, quando publica sua obra mais conhecida: “Siete Ensayos de Interpretación de la realidad peruana”. Este segundo livro, último dos que viu ser publicado em vida, com o tempo se tornou um dos textos mais universais da cultura do continente, no século XX. Está traduzido nas principais línguas do mundo, inclusive em japonês e chinês. Para A. Melis, “é uma ‘obra aberta’, que aguarda de seus leitores e intérpretes aquele desenvolvimento que Mariategui não pode realizar devido a sua morte precoce”.

Ainda em 1928, Mariategui rompe com o APRA (Alianza popular revolucionaria americana) de Haya de la Torre. Enquanto o APRA se definia como uma frente unitária progressista e anti-imperialista, Mariategui deu seu apoio; mas, quando se transformou em um partido político (o Pap -partido aprista peruano), apresentando a candidatura de Haya à presidência do Peru, Mariategui rompeu as relações.

Mariategui tinha formado muitos quadros políticos em sua volta e precisa salvá-los. Assim, em outubro de 1928, após um período de preparação, funda o Partido Socialista Peruano, uma formação original que não assume o nome de comunista, mas

que adere a Terceira Internacional. Buscava criar um socialismo ligado à especificidade do contexto andino, uma linha muito difícil de se realizar no contexto da época.

A partir de novembro de 1928, "Amauta" é enriquecida pelo jornal "Labor"; quinzenário dedicado aos problemas sindicais, com um horizonte semelhante ao de "Amauta": ao lado de lutas, há temas culturais. "Labor" foi atacado pela censura, e fechado em setembro de 1929. Nesta época, surge a idéia de fundação da Confederação de Trabalhadores do Peru – CGTP.

O PSP tem pela frente a repressão, a hostilidade do APRA e o conflito com a ortodoxia da COMINTERN. Duas reuniões latino americanas, realizadas em 1929, oferecem a ocasião para os ataques. Em maio, em Montevideo, se desenvolve o Congresso Constituinte da Confederação Sindical Latinoamericana, no qual a delegação peruana apresenta um documento em que Mariategui reconstrói a história do movimento operário de inspiração classista no Peru. Em junho, Buenos Aires aloja a I Conferência Comunista Latinoamericana. Para esta ocasião, Mariategui escreveu o texto "Problema das raças em América latina", em que denuncia o uso do problema racial para ocultar a questão de fundo do continente: a liquidação do feudalismo. Mariategui afirma que o comunismo agrário primitivo pode constituir a base para a instauração de uma sociedade comunista.

Outro texto, "Ponto de vista antiimperialista", fala da negação das burguesias latinoamericanas, da vontade de lutar pela segunda independência: a econômica. Polemizando com as posições apertadas, afirma que o anti-imperialismo por si só, não pode constituir um programa político, porque não anula o antagonismo entre as classes.

Estas idéias serão fortemente refutadas pelos setores mais dogmáticos, liderados por Victorio Codovilla, líder do PC argentino. Mariategui não estava presente, pois não podia viajar. Seu chamado a uma "realidade peruana" é tido como uma heresia. Seus "Siete Ensayos" eram desconhecidos pela ortodoxia.

Em 1929, a ditadura de Legía fecha um cerco em torno a Mariategui. Em setembro, a polícia faz uma batida em sua casa; o pretexto é um 'complot' comunista. Mariategui pensa, então, em deixar o Peru para continuar sua luta em Buenos Aires, deslocando para esta cidade a redação de "Amauta". Também, esperava poder usar uma perna ortopédica, que lhe permitiria deslocar-se.

Enquanto prepara sua viagem, inicia a publicação em "Amauta" e no "Mundial" dos capítulos de um trabalho intitulado "Defensa del marxismo". Polemiza nesta obra com, de um lado, a revisão do marxismo levada a cabo pelo belga Henri De Man; e, por outro, contesta a versão 'ultraesquerdista' de Max Eastman. "Defensa del marxismo" será publicada após a morte do autor. Em muitos pontos, em especial nas alusões ao fordismo, encontram-se profundas analogias com as reflexões de Gramsci, mesmo que o peruano só tenha conhecido os escritos gramscianos de "Ordine Nuovo". Talvez, as fontes da cultura italiana, vivenciados por ambos autores, explique as afinidades entre eles.

No último período de sua vida, em meio a uma frenética atividade de escritura e organização, Mariategui acha tempo para voltar à criação literária. Reelabora um caso da crônica italiana: o caso Bruneri-Canella, em que reconstrói o ambiente italiano do pós-guerra. Chama-se "La novela y la vida", em que expõe sua concepção da arte, antagônica ao chamado "realismo socialista"

No final de 1930, enquanto preparava sua viagem a Buenos Aires, ocorre uma recaída de sua doença. Morre no 16 de Abril, com menos de 36 anos, em plena criatividade. Seu enterro contou com uma grande participação de massa.

Logo após sua morte, se desencadeia uma violenta ofensiva contra sua herança política e cultural. Já há dois meses antes de sua morte, tinha sido substituído na secretaria do Partido por Eudocio Ravines, um homem da Comintern, formado em Moscou. “Amauta” não terá longa vida. Muda-se o nome do PSP para PCP, que dirige uma raivosa campanha contra o “mariateguismo” e o “amautismo”.

Nos anos 40, este PCP tentou se reapropriar da figura de Mariategui, tido então, como um ‘populista’. Apenas no final dos anos 60, ocorrerá uma efetiva reapropriação crítica de Mariategui. A partir de então, Mariategui passou a ser um pensador que cresce com o passar do tempo.

O trabalho de tradução de suas obras foi iniciado em 1943, com uma nova proposta dos “Siete Ensayos”. Todavia, será a partir de 1959, com o início da publicação das “Obras Completas” em edição popular (20 pequenos volumes), que a difusão de seu pensamento deu um salto de qualidade. A partir de 1987, os filhos de Mariategui iniciaram a publicação de sua obra juvenil, do período anterior a viagem para Itália.

Por ocasião do seu centenário (1994), em diversos países ocorreram seminários, palestras, cursos sobre a obra do amauta peruano. Durante muitos anos foi publicado o “Anuário Mariateguiano”, coletânea de ensaios sobre Mariategui publicados pelo mundo afora.

* “Leyendo Mariategui”, de Antonio Melis

6. A Obra

O REVOLUCIONÁRIO INTUITIVO

Os escritos de Mariategui são realmente sedutores. A sua postura de independência intelectual contrasta com a reverência que costumamos devotar a tudo aquilo que vêm do além-mar. A forma como interpretou as peculiaridades da realidade peruana e as questões de sua época, não nos autoriza acusá-lo de provinciano ou mesmo

de nacionalista romântico, características comuns de boa parte dos intelectuais que lhes foram contemporâneo.

O autodidatismo e seu estilo ensaístico, pouco adaptado com os rituais do cerimonial acadêmico, tornam seus escritos mais literários e artísticos do que teóricos. Pode-se até afirmar que a Mariategui primeiro viveu uma imaginação artística depois teórica. Em seus ensaios, constantemente brinca com as palavras e os conceitos, participa do livre jogo da escrita, liberando subjetividade e emoção, desta combinação resulta uma obra grávida de sentimento e ideologicamente enérgica.

Avesso a qualquer comportamento dogmático e principista, convencido da provisoriedade e dos limites do conhecimento - *la verdad de hoy no será la verdad de mañana. Una verdad es válida sólo para una época. Contentémonos con la verdad relativa*¹, formulou um *pensamento operante*, em profundo diálogo com a realidade e em permanente interlocução com as pessoas com as quais compartilhava as mesmas idéias e sobretudo com àquelas que pretendia seduzir e conquistar *para o grande projeto: acelerar o relógio da revolução no Peru*.

Quem deseja encontrar clareza, objetividade e um pensamento sistemático, que autorize interpretações e afirmações seguras, certamente irá decepcionar-se, pois os seus escritos, assim como a realidade sob a qual se debruçou, são demasiadamente ambíguos e contraditório. Entretanto, as ambigüidades e contradições não o diminuem nem tampouco elimina a validez do seu pensamento. Pelo contrário, revelam um pensamento angustiado que rejeita a ilusão tranqüila dos modelos apriorísticos.

O desafio de pensar as peculiaridades da realidade latinoamericana, a postura autônoma frente aos modelos europeus, etc. singularizam o pensamento de Mariategui, todavia, essas virtudes não são exclusividades suas, encontramos em uma certa tradição de intelectuais libertários e socialistas do período pré stalinista, período em que era possível ser "herege" sem correr risco de vida. Essa tradição foi enormemente podada pela censura stalinista que aterrorizou o campo intelectual da esquerda no pós-30. (...)

Mariategui navegou sem constrangimentos sobre uma variedade de temas: arte, literatura, teatro, cultura, política, religião etc. demonstrando sutilmente que o marxismo não é só economia e teoria, mas também vida e arte. Em todos esses campos encontramos intuições brilhantes e preciosas que abrem possibilidades para vários estudos temáticos, por exemplo: a concepção de história, a questão do mito, do índio, da religiosidade, da educação, da hegemonia, da organização sindical, do papel do intelectual etc.

O " Romantismo Revolucionario " de Mariategui

O "gramsciateguiano" Antônio Melis, após 30 anos de estudos sobre a obra do Amauta, definiu " UM NUCELO GERADOR NO PENSAMENTO DO AUTOR PERUANO EM SUA MATURIDADE". "Trata-se, essencialmente de sua

elaboração sobre a relação entre MODERNIDADE x TRADIÇÃO, que atravessa toda sua obra".

Nessa direção, Melis destaca na obra de Mariategui, sobretudo, os artigos de "Peruanicemos o Peru" (tomo 11 das Obras Completas), e que alimentam os "7 Ensaios".

Melis esboça um histórico da aproximação de Mariategui a esse tema gerador.... A análise de Melis vem de encontro a reflexão de Michael Lowy, sobre o "romantismo revolucionário" do peruano.

Antes de seguirmos com a reflexão de Melis, façamos um breve parêntese para definição de M.Lowy sobre o "romantismo revolucionário".

Para Lowy, "a característica essencial do anticapitalismo romântico é uma crítica radical à moderna civilização industrial (burguesa), incluindo os processos de produção e de trabalho, em nome de certos valores sociais e culturais pre-capitalistas". Em Marx, "a concepção de socialismo está intimamente ligada a sua crítica radical da moderna civilização industrial capitalista: é muito mais que propriedade coletiva e economia planificada. Implica uma mudança qualitativa, uma nova cultura social, um novo modo de vida, um tipo diferente de civilização que restabeleceria o papel das "qualidades sociais e naturais" na vida humana e o papel do valor de uso no processo de produção".

Após a morte de Marx, "a tendência dominante no marxismo foi a "modernista"; ela tomou só um lado da herança marxiana e desenvolveu um culto acritico ao progresso técnico, ao industrialismo, ao maquinismo, ao fordismo e ao teylorismo. O Estalinismo, com seu produtivismo alienado e sua obsessão pela indústria pesada, é uma característica deplorável desse tipo de "corrente fria" no marxismo".

Podemos afirmar que o "núcleo gerador" assinalado por Melis é o elemento constitutivo fundamental do "núcleo irredutivelmente romântico" (Lowy) da visão de mundo romântico-revolucionária de Mariategui. Esse núcleo, também, define o "traço essencial do marxismo" de Mariategui, isto é, "a recusa da ideologia do progresso e da imagem linear e eurocêntrica da história universal, superando dialeticamente o dualismo entre o universal e o particular. Isto é, "Mariategui rejeita e critica todas as tentativas "românticas" (no sentido regressivo da palavra) de volta ao Império Inca. Sua DIALETICA CONCRETA entre o passado, o presente e o futuro lhe permite escapar tanto aos dogmas evolucionistas do progresso quanto as ilusões ingênuas e passadistas de certo indigenismo". (Lowy). Neste sentido, como vimos acima, também vai a abordagem de Florestan Fernandes.

Esse núcleo gerado lhe permite assinalar a especificidade do "romantismo revolucionário" na América Latina: o anti-imperialismo.

A recensão de Carlos Arroyo ao livro "Leyendo Mariategui", nos permite uma visão global da reflexão de Melis.

A partir de vários de seus trabalhos Melis afirma que o tema da tradição joga um papel sumamente importante dentro das reflexões de Mariategui. Sua idéia é que o mais original do pensamento de Mariategui se articula justamente em torno a esta problemática. Arroyo cita Melis:

" Um papel importante, em todos meus últimos trabalhos, tem o tema da tradição. Progressivamente cheguei a conclusão de que o núcleo mais original do pensamento de Mariategui é justamente sua reflexão sobre este tema. Seu projeto de uma " tese revolucionaria da tradição", me parece um dos pontos mais altos do pensamento latino-americano contemporâneo".

Foi na Europa que Mariategui adquiriu o conhecimento mais profundo sobre a América Latina. A reflexão sobre a questão das nacionalidades, suscitada pelo encontro com os acontecimentos europeus foi aplicada ao caso peruano.

Outra questão que esteve na reflexão de Mariategui foi a polemica entre a cidade e o campo. Reconhecendo que o espírito revolucionario reside nas cidades, rechaça uma equação banal .Pensa que o socialismo subestimou o trabalho dos camponeses, sem chegar a realizar a unidade entre trabalhadores urbanos e rurais. Esta polemica da realidade italiana, foi importante quando refletiu sobre a modernidade e sua relação com a tradição no Peru. Recusa a visão linear da historia e, ressalta o caráter plural da tradição no Peru.

Seguindo Carlos Arroyo: " Em toda a obra de Mariategui, como Melis recorda, se manifesta a relação com a modernidade. Assim, no prólogo aos " 7 Ensaios ", escreve que não há salvação para Indo-America sem a ciencia e o pensamento europeus ou ocidentais. Mas, para o peruano, a aceitação da modernidade não implica nenhuma atitude acritica frente a mesma. ocorre que sua preocupação é a de inserir seu pais no contexto da época. Isto significa um ajuste de contas com a realidade do Peru, oculta nas analises dominantes. Desta forma, retomando a linha traçada com as intuições de Manuel Gonzalez Prada, reafirma o caráter pluriétnico e pluricultural do pais. Dentro deste enfoque, se impõe progressivamente uma nova consideração do tema da tradição. Sua idéia é que um projeto revolucionario autentico não pode desconhecer a tradição. de modo que, para Mariategui, a reivindicação da tradição indígena implica uma nova confrontação com a modernidade"(LM:193-194).

"Melis considera que é justamente nos artigos que Mariategui dedica ao tema da tradição onde se capta todo o alcance de seu processo de reformulação do marxismo em termos peruanos. Sua idéia é que nestes textos o grande pensador peruano chega a uma autentica subversão do tema da tradição. É nos fins de 1927 que Mariategui se enfrenta diretamente com o tema, a partir de umas reflexões aparentemente marginais..Trata-se do artigo "reivindicação de Jorge Manrique", publicado na revista Mundial, onde as celebres COPLAS do poeta tardomedieval espanhol representam uma nova ofensiva contra os passadistas. Através da contextualização dos versos do antigo poeta, Mariategui volta a por a distinção entre tradição e tradicionalistas. Contra o que desejam os tradicionalistas, afirma que a tradição é viva e móvel e que a criam os que a negam, para renova-la e enriquece-la; enquanto que a matam os que a querem morta e fixa, ou melhor, os que a vêm como uma prolongação do passado em um presente sem forças(LM:197-198)".

Mariategui repete de forma integral esta visão no artigo " Heterodoxia da tradição", aparecido na semana seguinte em Mundial. Sua " tese revolucionaria da tradição", refuta toda a visão iconoclasta dos revolucionários. Explica que as afirmações mais extremadas de rechaço ao passado devem entender-se em termos dialéticos. Deste modo, o tradicionalismo não se identifica com a tradição, e é mesmo seu maior inimigo, pois sua tentativa de compendiar a tradição em uma formula simplista, ignora seu caráter heterogêneo e contraditorio. Na realidade, os passadistas entendem o passado

menos que os futuristas. Para Mariategui, isto significa que quem não pode imaginar o futuro, tampouco pode, no geral, imaginar o passado(LM:198).

Mariategui adverte que o destino do Peru não pode ser a modernização indiscriminada, que resulta ao mesmo tempo veleidosa e inadequada. Para Melis a palavra tradição, em Mariategui, se transforma em " na reivindicação firme e positiva das raízes, para usar uma palavra que tem no Mariategui maduro uma freqüência enorme. Em sua visão não se pode construir para o país um futuro novo olhando para o passado como um modelo.Mas, ao mesmo tempo, não se pode edificar um Peru autenticamente renovado prescindindo das raízes. No contexto específico do mundo andino, isto significa, justamente, enfrentar-se com o problema indígena, em seu presente e com a herança do passado que porta. Em outras palavras, significa o rechaço de todo eurocentrismo, incluindo o que do eurocentrismo segue existindo dentro do próprio marxismo"(LM:179-180)

Quando funda o PSP, sua " finalidade era a da construção do socialismo peruano a partir das tradições comunitárias do mundo indígena(LM:186).Enfim, como bem assinala Carlos Arroyo, " a política que Mariategui planeja parece a realização em termos andinos do conceito gramsciano de hegemonia"(LM:214)

O histórico da aproximação de Mariategui ao par dialético/núcleo gerador Modernidade x Tradição,feito por Melis, é ilustrativo dos elementos que constituem a visão de mundo romantico-revolucionaria.

Por exemplo, nos ESCRITOS JOVENS, Mariategui aparece como um intelectual urbano, vinculado com a boêmia literária e com os ritmos característicos da sociedade capitalista. Sem duvidas, dentro deste contexto predominante, se percebe algumas aberturas parciais em relação ao país profundo..Mariategui é atraído pelas notícias confusas que chegam a Lima, a respeito das rebeliões indígenas do interior..Há uma manifestação de desgosto em relação a ordem vigente.

De outro lado, vê-se em Mariategui os signos da modernidade, pois Ele capta o caráter irreversível do progresso, em termos de ciência e tecnologia. Este fenômeno produz uma aceleração no ritmo de vida. Mariategui elabora uma forma de escrever que corresponde à rapidez dominante. Considera o cinema como a arte mais representativa dos novos tempos.

Para Melis, o peruano mantém em toda sua obra uma relação com a modernidade:

"Fiz na Europa meu melhor aprendizado. E creio que não há salvação para Indo-America sem a ciência e o pensamento europeus e ocidentais".

Melis volta a questão cidade x campo. Para Mariategui " falar de cidade revolucionaria e província reacionária seria, sem duvidas, aceitar uma classificação demasiado simplista para ser exata". Frente aos presságios desfavoráveis sobre o futuro da cidade, Mariategui afirma que " A cidade que adapta os homens à convivência e a solidariedade, não pode morrer. Seguirá alimentando-se da rica savia rural. O campo ,por sua vez, seguirá encontrando nela seu fórum, sua meta e seu mercado".

A heterodoxia da Tradição

Oswaldo F. Diaz afirma que a obra mariateguiana " Em Defensa del Marxismo", significa um avanço na definição do "socialismo indo-americano". A polemica com o belga Henry del Man visa, na realidade, responder questões da conjuntura peruana (Haya de la Torre,o PSP,a Internacional).

A obra corresponde a mudança de Amauta, expressa no editorial "Aniversario e Balanço" e, busca caracterizar o " especifico nacional". Nesta obra, Mariategui dialoga com/ e amplia o conceito de ortodoxia. Continua o esforço feito nos " 7 Ensaiois". A Questão central é: o que é o marxismo indo-americano ?

Mariategui busca atualizar o marxismo via critérios heterodoxos, revisionismo e heresias. Responde a Haya e a Internacional através de sua critica a H.del Man.

Diaz estabelece níveis de leitura na obra do Amauta.

" O marxismo que vai emergindo deste esforço teórico, além de contra arrastar a critica, e de tentar corrigir o que lhe parecia abusivo e sem propósito nela, perturba o próprio campo da ortodoxia...a explicitação do marxismo se refere a um debate europeu sobre a " crise do marxismo"...e não programa explicitamente a questão sobre o marxismo latino-americano". Mas, " Por trás da superfície da resposta a De Man, mais escondido, um segundo nível, nos mostra o assedio à ortodoxia contido nestes ensaios de " defesa", que culmina na pergunta pelo marxismo latino-americano".

Se Mariategui assume a ortodoxia, "Não obstante, o texto responde também à III Internacional e a Haya de la Torre a propósito do socialismo no Peru.Todo um esforço que vem dos "7 Ensayos"...

"Neste segundo momento, a pergunta pelo marxismo é abordada através de um assedio direto à ortodoxia. Neste assedio Mariategui reconstroi uma versão alternativa que atualiza o marxismo, desde critérios heterodoxos". Diaz assinala o uso que faz de revisionismo." Neste uso produtivo do revisionismo, como "saúde do dogma", introduz a oposição heresia x dogma, cujas correspondências e alusões à parelha heterodoxia x ortodoxia, vão a criar no interior da oposição marxismo x revisionismo, uma zona de transito semiológico, em que a metáfora dirá aquilo que a teoria não se atreve a expressar. Nesta mesma perspectiva, Mariategui fará de Lenin e Sorel, militantes heterodoxos".

" Se bem podemos ler neste exercício uma resposta teórica à III Internacional, que nestes momentos, representava a ortodoxia, o critério de transparência que emprega para desvelar a trajetória de Henry de Man, diz muito de seu próprio empenho para fazer visíveis seus presupostos.Neste sentido o ensaio, " Rasgos y espirito del socialismo belga", é revelador de um processo hermenêutico, que em seu próprio caso deveria culminar em um capitulo sobre o Peru".

"Se o texto nos autoriza a ler atrás da referencia a Henry de Man, uma alusão a Haya de la Torre e à III Internacional, que nos faculta para ir além, e afirmar que estes 16 ensaios entram na zona inexplorada, absolutamente nova, quase contra natura do marxismo latino-americano ?". Para Diaz, a pergunta não foi formulada de maneira aberta. Portanto, deve ser deduzida do texto...O assedio à ortodoxia parece ser a chave desta operação teórica".

Diaz conclui seu texto, " A importância que tem a heterodoxia, nestes escritos, deveria proporcionarmos a transformação do instrumento de analises, que já estava em germen nos "7 Ensaiois".Nesta obra, desde uma problemática peruana precisa, situada no contexto histórico de uma conjuntura também precisa, Mariategui produz a inserção do marxismo na realidade latino-americana. Fica porém pendente, sua explicitação que só

será abordada, de uma maneira oblíqua, nos ensaios de "Defensa Del Marxismo...Assim, sua postulação de um socialismo "indo-americano", exposta nos "7Ensaíos", anunciava ao marxismo "indo-americano", que se acha em estado germinal nos artigos de "Defensa del Marxismo".

Pensando na América Latina, particularmente nos sujeitos históricos, E.Dussel afirma que "A ampla historia do 'sujeito' histórico fundamental, dos "de Baixo", e' a historia de seus rostos pobres, "dos pobres", do "outro" de nossa historia invertida. E' a historia das resistências e rebeliões, das lutas e esperanças de,

- 1) os índios, os primitivos habitantes, ate hoje;
- 2) os negros trazidos da África, desterrados e marcados como animais, como mercadorias, ate hoje;
- 3) os mestiços, filhos de Cortes (o pai dominador) e de Malinche (a mãe que traiu seu povo): filhos de ninguém;
- 4) os camponeses, que após a emancipação no inicio do século XIX, serão a grande maioria da população pobre, explorada;
- 5) os operários industriais que, desde o final do século XIX, se ajuntam nos bairros industriais de Buenos Aires, São Paulo ou México e, depois um pouco por todas as partes, os explorados pelo capital;
- 6) os marginais, por ultimo, que deixando o campo, chegam as cidades para engrossar um imenso exercito de trabalho de reserva, que nunca poderão trabalhar, porque o capital "periférico" e' "débil", por ser, por sua vez, explorado pelo capital "central".

Mariategui e a Revolução

Robert Paris , outro estudioso de Gramsci e Mariategui. Afirma que "o marxismo teorico-pratico de Mariategui tinha por vocação o enraizamento na realidade nacional". Isto significou uma praxis dialética, aberta ... articulada... especifica, complexa e desigual, de elemento diversos em uma formação social. Resultou em uma estratégia revolucionaria, alheia a modelos universais, pre-fabricados e, opondo-se a rigidez "etapista" e ortodoxa dos PCs.

Para F. Guibal (parceiro de Ibanez em textos sobre Mariategui), "a opção socialista de Mariategui, não sonhava com ações golpistas ou insurrecionais imediatas; muito menos, defendia uma transição longa, pacífica e legal para o socialismo. Conforma-se em indicar que a única alternativa fundamental da época estava entre o capitalismo imperialista e a criação do socialismo.

Sem entrar em precisas "proféticas" , Mariategui advertia apenas que, na teoria e na pratica, o caráter necessariamente integral e radical de um verdadeiro processo socialista e revolucionario, não basta tomar o poder, assaltando e conquistando as instituições do aparato estatal, tinha, simultaneamente, que modificar, desde as raízes, as relações sociais, substituindo o predomínio da velha oligarquia e da moderna burguesia, pela criação de uma alternativa hegemônica global, popular, política e cultural".

Enfim, com Arico, "se não podemos afirmar que Mariategui chegou a completar um sistema de conceitos novos, sua reflexão sobre as características da revolução peruana e latino-americana, sobre o papel do proletariado, das massas rurais e dos intelectuais na revolução, e' hoje indiscutível que estava no caminho certo".

Infelizmente, não se sabe que caminhos tomaram os textos de Mariategui sobre a revolução, a cultura e a política no Peru; esta obra "desconhecida", talvez, preenchesse a lacuna da qual nos fala Arico.

Nas palavras de Hugo Neira "No caso da herança ideológico-socialista de Mariategui ha' um agravante substancial: o ensaio mais significativo do fundador não chegou á nossas mãos.

De Mariategui conhecemos seus esquemas econômicos, históricos, culturais. Porém, seus mais elevados interesses se orientavam para política da revolução (e a revolução da política). E' neste domínio onde sua contribuição fica inacabada, ao extraviar-se entre Montevideu e a Espanha republicana, o manuscrito de seu ultimo livro. Varias vezes Mariategui havia assinalado que preparava um trabalho 'sobre política e ideologia peruana que seria a exposição dos pontos de vista sobre a revolução socialista no Peru e a critica do desenvolvimento político e social e, sob este aspecto, a continuação da obra cujos primeiros elementos são os Sete Ensaiois...".

Mariategui e a Crise da Civilização

Para Oscar Teran, a produção do Amauta, entre 1923-1924, girou em torno de dois grandes núcleos:

1. verificação empírica, através de sua estadia na Europa, da crise da civilização burguesa;
2. resposta a crise, vivida também empiricamente, na Europa revolucionaria dos anos vinte, através do socialismo.

Crise de civilização e resposta socialista formam duas caras da mesma moeda. "A crise mundial e', portanto, crise econômica e crise política. E, e' ademais, crise ideológica". Nesta época, reinava a crise de ceticismo, que levou Mariategui a declarar: "Este e' o indicio mais definido e profundo de que não esta' em crise apenas a economia da sociedade burguesa, mas de que esta' em crise integralmente a civilização capitalista, a civilização ocidental, a civilização européia...".

Era a crise de fim de século da racionalidade ocidental, exacerbada pelos efeitos culturais da I Guerra. Este contexto conduz Mariategui a posição anti-economicista e de anti-progressismo, rompendo com a tradição da ideologia dominante do marxismo vulgar da II Internacional socialista e, também, da posterior Comintern.

"Anti-economicismo e anti-progressismo aparecem em algumas passagens de Mariategui: uma moral de produtores como a concebe Sorel, como a concebia Kautsky, não surge mecanicamente do interesse econômico, mas, forma-se na luta de classes, travada com animo heróico, com vontade apaixonada". Ou, "Tanto o proletariado quanto a burguesia dos tempos pre-belicos, inspirando-se na filosofia evolucionista, historicista e racionalista... coincidiam na mesma adesão a idéia do progresso...". Estes elementos contribuíram em Mariategui para recusa do "etapismo" e para afirmação positiva de elementos oriundos da formação pre-capitalista peruana: O Império INCA "Tahuantisuyo".

Neste sentido, Mariategui se inscreve na corrente socialista revolucionaria dos anos vinte, nitidamente estruturada pela vertente anti-evolucionista, na qual figuram Lukacs, Korsch, Pannekoek, Rosa Luxembourg Benjamin, Bloch e Gramsci.

Socialismo: criação heróica na praxis

Para Mariategui, o uso do método marxista foi sempre um processo criador, uma praxis transformadora, que tinha em conta as condições reais e não uma transmissão esquemática de formulas dogmáticas. Afirmava, "Não queremos, certamente, que o socialismo seja na América imitação nem copia. Deve ser criação heróica. Temos que dar vida, com nossa própria realidade, em nossa própria linguagem, ao socialismo indo-americano. Eis aqui uma missão digna de uma geração nova...". Ou, "O marxismo em cada país, opera e age sobre o ambiente, sobre o meio, sem descuidar de nenhuma de suas modalidades". Criação heróica significa para Mariategui, "uma renovação crítica e autocrítica de seu pensamento".

Socialismo e Autogestão

" A perduração de uma escritura consiste, talvez, em sua aptidão de produzir ou de mostrar sentidos novos, inclusive insólitos, em cada angulo do tempo ou em cada convulsão da historia "(Anibal Quijano)

Como vimos, na análise de Fernandes Diaz, há uma ausência do tema socialismo na análise da obra de Mariategui

A tese de doutorado (Universidade de Grenoble) de César Germana explicita os elementos do socialismo indo-americano de Mariategui. Germana afirma que o socialismo de Mariategui é tido como algo dado e por isto não foi discutido.

Inicialmente Germana assinala a matriz básica do pensamento mariateguiano , " A singularidade de sua proposta política só pode ser compreendida se levarmos em conta que o conjunto de sua obra foi o resultado do encontro de uma dupla herança: a cultura ocidental, em particular o marxismo que teve um papel central na constituição de seus pontos de vista teóricos e políticos; e de outro, a cultura andina, verdadeiro substrato de suas reflexões e de suas orientações vitais".

Para César Germana " A singularidade do pensamento político de J.C.Mariategui só pode ser entendida se for situada na relação com as tendências mais profundas da sociedade peruana que ele soube apreender e em função das quais desenvolveu seu projeto político. O conhecimento que tinha da cultura ocidental e do marxismo lhe serviu de ferramenta para descobrir as características do Peru e suas tendências de mudança.Sem duvidas, não "aplicou" o marxismo ao estudo do Peru, pois considerava que essa concepção não era uma doutrina completa, fechada e de validade universal. Antes bem, teve que refazer o caminho percorrido por Marx e reelaborar conceitos e categorias em função da especifica realidade do objeto de seus estudos, até alcançar sua própria ótica de reflexão e de investigação".

Em seguida, analisa o debate triplo que Mariategui teve com as correntes políticas e ideológicas mais importantes de sua época, o que lhe permitiu chegar a uma concepção original do socialismo, o " socialismo indo-americano".

- 1- A controvérsia com os intelectuais representativos da cultura crioula-organica -dominante em sua época-;
- 2- A discussão com os ideólogos do nacionalismo radical - em particular com Victor Haya dela Torre;

3- A polemica com os dirigentes da terceira Internacional na América Latina.

Os pontos 2 e 3, como vimos, foram desenvolvidos através da polemica aparente com Henry de Man, na obra " Em Defesa do Marxismo".

Assim, através destes debates, Mariategui descarta a modernização peruana segundo 3 vias:

- 1- a democracia liberal;
- 2- o capitalismo de Estado, e
- 3- o socialismo de Estado.

Muitos mariateguianos já assinalaram a importância da obra de Mariategui para a conjuntura que se abriu com a derrocada das experiências do socialismo burocrático e a crise em curso no mundo capitalista. Neste sentido, adquire grande força as palavras de Anibal Quijano, de que "A perduração de uma escrita consiste, talvez, em sua aptidão de produzir ou de mostrar sentidos novos, inclusive insólitos, em cada virada do tempo ou em cada convulsão da historia".

Para Germana, 3 instancias definem a atualidade do projeto socialista de Mariategui.

- 1- a socialização dos meios de produção, implicando a abolição da propriedade privada dos recursos produtivos e sua substituição pela propriedade social;
- 2- a socialização do poder político, a participação dos cidadãos livres e iguais na formação coletiva de uma vontade política e no exercício direto da autoridade; enfim , a democracia direta;
- 3- a transformação do mundo das relações intersubjetivas no sentido da afirmação da solidariedade.

Nesta perspectiva, adquire seu verdadeiro valor a ênfase posta por Mariategui no papel das diversas formas de auto-organização dos trabalhadores. As associações que surgissem desse processo formariam o tecido social da nova sociedade. a característica principal que ele encontrava nelas era sua capacidade para tratar todas as questões praticas de interesse coletivo mediante a discussão livre. Nestas organizações, mediante a pratica da deliberação e da decisão se formaria a vontade política.

Mas, para que fosse possível o exercício dessa democracia direta, a condição indispensável deveria ser a erradicação do poder administrativo e do dinheiro...para ele, a sociedade socialista se orientaria para o logro de um máximo de comunicação e um mínimo de institucionalização."

Germana mostra que o " projeto socialista de Mariategui portava uma radical subversão das relações intersubjetivas. Em pé de pagina, Germana nota que " Mariategui prestou atenção particularmente a toda uma área da vida social descuidada pela corrente do marxismo oficial da III Internacional. Esta área

correspondia ao que ele descreve como "...os costumes, os sentimentos, os mitos- os elementos espirituais e formais destes fenômenos que se designam com os termos de sociedade e de cultura ...("7Ensayos")

Mariategui pensava a sociedade socialista, na qual se constituiriam novos padrões culturais e orientações valorativas, cognoscitivas e motivacionais; enfim, uma sociedade com um novo sentido da vida. O socialismo não era, assim, a continuidade da sociedade do trabalho, surgida com o capitalismo. O concebia como outra forma de racionalidade, não centrada na técnica e no lucro mas na solidariedade e na comunicação".

Germana assinala que este é o substrato mais profundo de suas reflexões e que abarcava os outros elementos do socialismo: a socialização dos meios de produção e a socialização do poder político. É o núcleo ao redor do qual se articula o pensamento de Mariategui. Elemento também assinalado por Florestan Fernandes, em seu texto para o Anuário Mariateguiano.

Mariategui esteve atento as mudanças nas relações intersubjetivas de seu tempo .Uma nova sensibilidade política e cultural emergia no Peru desde o final do século XIX. Tratava-se de um " complexo fenômeno espiritual" Três campos especiais apresentavam este fenômeno.

- 1- Os movimentos sociais, especialmente o movimento operário e o movimento camponês indígena. Além destes dois, o movimento estudantil com a reforma universitária;
- 2- Uma mudança no campo das orientações de valores e nas atitudes individuais. No Peru dos anos 20 ocorria uma lenta mutação nos mecanismos de socialização e nas motivações pessoais. Germana destaca algumas questões: a educação, a religião , que expressam a tendência de aparição de um espírito moderno;
- 3- O nível da expressão cultural do mundo das relações intersubjetivas. Como se traduzia esta nova sensibilidade no pensamento, nas artes e na literatura?

Aqui, Mariategui adverte 3 características de como pensava e sentia a nova geração artística do Peru.

- 1- a preocupação em conhecer a realidade do Peru; rompendo com o critério colonialista de desconhecer a realidade peruana; o estudo da realidade do país, que significava "a reivindicação do índio";
- 2- o internacionalismo da nova geração; a preocupação central pelo peruano não os levou a um nacionalismo estreito e xenófobo. Dizia Mariategui que " o internacionalista sente, melhor que muitos nacionalistas, o indígena, o peruano".
- 3- A existência de um espírito de renovação, a "vontade de criar um Peru novo dentro de um mundo novo" A fusão do " sentimento autóctone" e do " pensamento universal".

Estes três aspectos portam um elemento unificador: um novo sentido da existência social, uma nova racionalidade

Para Mariategui a modernização peruana foi um processo incompleto. O moderno se inseriu na sociedade colonial e desta mistura desigual, surgiu um tipo de sociedade que já não era tradicional, mas tampouco ocidental moderna. Assim, como diz Germana, " A alternativa socialista mariateguiana apontava para uma direção diferente à da modernidade capitalista. Estava firmemente convencido da crise da civilização ocidental e não encontrava nela nenhuma solução possível para os problemas do Peru. por isso, dedicou muita atenção aos problemas do mundo ocidental e em particular aos da civilização andina...daí que sua proposta apareça como uma imperiosa necessidade da integração dos elementos libertadores de ocidente à cultura andina.E foi esta específica simbiose a que denominou " socialismo indo-americano".

Mariategui pensava este socialismo como uma "criação orgânica cujo eixo articulador seria constituído pelas relações de solidariedade.Em minha opinião, aí se acha o núcleo central de suas reflexões", diz Germana.

" O que Mariategui sublinhava na herança do mundo andino era a sobrevivência das relações de cooperação e solidariedade. Estas não correspondiam apenas ao mundo do trabalho e da produção, mas constituíam uma parte viva da alma indígena, pois estavam profundamente enraizadas em todos os aspectos de sua vida". Mariategui advertia que este tipo de relações se reproduzia entre os trabalhadores das fabricas, fortalecidas pela cooperação no trabalho.

Nesta perspectiva,vejamos um pouco o tipo de roganização social desta civilização ancestral.

Em sua obra," Mariategui,frente ao reto de La pobreza", M.Arce Zagaceta assinala elementos fundamentais,para as lutas deste ionicio de século em Nuestra America:

" Erradicada a fome mediante sua tecnologia produtiva,tendo aprendido a superar os desastres telúricos,a seca ou a inundação,o homem andino se dedicou à criação artística e cultural em todas as esferas".

"O esforço de séculos e milênios para se impor a uma geografia difícl e pouco propírcia em terras de cultivo gerou,em tempos muito remotos, UM CONJUNTO DE RELAÇÕES SOLIDARIAS DE PRODUÇÃO E TRABALHO –grifo nosso-.Em virtude delas,o esforço demandado era equitativamente distribuído ; e os frutos do mesmo,não se concentravam em um determinado setor da população.Todos tinham acesso ao bem estar logradoo com o esforço comun."

"As tecnicas e instituições solidarias,desenvolvidas pelas culturas que lhes antecederam,não só foram mantidas pelos Incas,mas também difundidas e reforçadas pela administração de um governo Imperial,por sua comprovada eficiência para obter o bem estar,mediante o permanente rquilíbrio entre a crescente populkação e as terras cultivadas.Graças a este equilíbrio se alijou o fantasma da fome,e a produção deixava abundantes excedentes para sua redistribuição posterior pelo governo central.

O principio da reciprocidade,criado pela cultura andina para enfrenbtar o desafio geograficoo,era observado não só entre indivíduos e famílias entre si.Tambem regia entre estes e sua comunidade e era seguido pelo Inca em relação aos autoridades locais". Vejamos as 3 formas de organização social:

1) A reciprocidade entre indivíduos e famílias era o " AYNI",ou lei da irmandade como a chamou Garcilaso.Devido a ela as famílias e seus membros componentes se prestavam mutua ajuda nas atividades de utilidade individual,tais como

a construção de suas moradias e os trabalhos agrícolas de suas respectivas parcelas, quando elas requeriam mão de obra adicional”.

2) A reciprocidade entre as famílias e sua comunidade se expressou na instituição da “MINKA”. Consistia na ajuda de trabalho para as obras de construção e manutenção permanente das águas, caminhos vizinais, casas comunais, edifícios cívicos e, enfim, em tudo em que o uso comum era necessário.

3) A terceira forma de reciprocidade foi a “MITA” ou trabalho por turnos. Em virtude dela, cada comunidade era obrigada a enviar um certo número de trabalhadores para as obras de envergadura imperial como as estradas, pontes, aquedutos ou serviços, como o requerido pelas guerras (mita guerreira) ou para o cultivo das terras do Estado ou do Sol, cuja produção se destinava aos depósitos estatais e a manutenção do culto. Esta contribuição de trabalho dos povos era retribuída pelo Estado mediante a redistribuição dos bens armazenados, seja em forma de doações aos povos e senhores participantes ou em forma de auxílio aos povos que, por alguma razão imprevista não tinham produzido o suficiente para suas necessidades ou tinham perdido por alguma catástrofe”.

Maria Rostowski esclarece que a “mita ou prestação de serviços rotativa é um conceito muito andino (...) Toda obra continha a idéia de mita, de repetição a seu tempo (...) Todo o trabalho no mundo andino se cumpria como uma prestação de serviços rotativa, seja para a atenção dos TAMBOS, os caminhos, as pontes, os cuidados com os depósitos, e tudo mais (...) O termo mita vai mais além de um sistema organizativo do trabalho, porta consigo um conceito filosófico andino de um eterno retorno (...) A mita diurna sucedia à noturna em uma repetição que refletia um ordenamento do tempo que os originários conceituavam como um sistema cíclico de ordem e caos”.

Enfim, “O esforço social de produzir cada vez mais e melhor constituiu o grande projeto desta sociedade. O sistema educativo estava a seu serviço”.

Na obra “Historia Del Tahuantinsuyo”, de M.R. Diez Canseco, encontramos elementos valiosos sobre a composição social e a organização dos Incas.

Por exemplo: “No âmbito costeno existiu uma classe social que se ocupou da troca e do intercambio; estes especialistas foram chamados pelos espanhóis de ‘mercadores’, (...) porém é necessário entender a palavra em seu contexto indígena, isto é dentro de uma ECONOMIA ALHEIA AO USO DA MOEDA E NA QUAL SÓ EXISTIA O INTERCAMBIO E AS EQUIVALENCIAS” –grifo nosso–.

Ou, de que “Os Incas não contavam suas idades pelos anos e que as pessoas se classificavam não pela idade cronológica mas por suas condições físicas e sua capacidade para o trabalho (...) isto significava que um sujeito se classificava de acordo ao tempo biológico, isto é, segundo as etapas de seu estado físico (...) as idades não seguem uma ordem cronológica, não se iniciam com a infância para avançar através da vida (...) A idade mais importante no mundo andino, a idade de maior potencialidade e máxima energia de trabalho desenvolvida pelo ser humano: os 25 a 50 anos, quando o homem alcança a plenitude de suas faculdades.”.

Voltemos as idéias de Germana sobre o socialismo indo-americano do Amauta.

Neste sentido, Germana assinala outro aspecto da civilização ocidental que constitui parte central do socialismo de Mariategui e que se integra harmonicamente com o espírito da cultura andina; A ETICA DO SOCIALISMO”.

“Para Mariategui as relações de solidariedade, sobre as quais se constituía o socialismo, implicavam uma moral diferente à do capitalismo, uma moral da solidariedade em

contraposição a moral do interesse; questão que expôs no texto "Ética y Socialismo". Esta proposta é convergente com suas críticas às interpretações tecnocracias e positivistas do marxismo

César retoma e amplia sua reflexão: o socialismo aparece nas reflexões de Mariategui em redor de 3 eixos:

- 1- socialização dos recursos produtivos, isto é, estabelecimento de relações de cooperação e solidariedade na produção;
- 2- socialização do poder político, no sentido do exercício direto do poder pela sociedade sem eu conjunto;
- 3- um novo sentido da vida, uma racionalidade alternativa à do capitalismo.

O fundamental da proposta mariateguiana tratava, portanto, da socialização dos recursos da produção com uso e usufruto ficaria nas mãos dos próprios produtores, ou seja, a autogestão.

Segundo Germana, "O exame da participação dos camponeses indígenas na comunidade e dos operários no sindicato, o levou a considerar outro tipo de organização política, em que as funções estatais não se autonomizariam em relação com a sociedade. Estas organizações de democracia direta... constituíam a via pela qual o poder se iria socializando, até deixar de ser uma função especializada e separada da sociedade. As ORGANIZAÇÕES AUTONOMAS DOS TRABALHADORES seriam os órgãos da democracia direta. Por isso, a formula da "conquista do Estado" traduzia para Mariategui o longo processo pelo qual a experiência associativa dos trabalhadores os levaria a uma FORMA DE AUTOGOVERNO E DO EXERCÍCIO DIRETO DO PODER".

Ou, em outra formulação:" esta postura de Mariategui punha em evidencia uma concepção do processo revolucionário profundamente ancorada em suas reflexões sobre a revolução socialista; a via como as lutas que desenvolviam as massas trabalhadoras, que, iriam controlando as diversas esferas da vida social até alcançar o poder global. Deste ponto de vista, o poder não seria 'tomada' mas iria se configurando no longo caminho da autoemancipação dos próprios trabalhadores. Nas fabricas, nas minas, nas fazendas, em todos os lugares onde se encontrarão os trabalhadores, estes irão organizando e formando os núcleos de novo poder. Portanto, a revolução não seria como uma mudança de poder político – do Estado- dirigido por uma vanguarda esclarecida, mas como uma transformação da ordem social inteira produzida pelas massas trabalhadoras".

Toda esta visão socialista implica também que o socialismo significa um 'REENCANTAMENTO DO MUNDO', no sentido do restabelecimento de uma relação harmoniosa dos homens entre si e dos homens com a natureza. A modernidade ocidental se traduziu na fragmentação da vida social em esferas autônomas (economia, política, cultura, moral, por exemplo), nas quais cada uma delas funciona como um sistema independente; a sociedade moderna aparece como um mundo atomizado.

Mariategui define o espírito indígena sobrevivente como um "estilo particular de vida" As relações entre os membros da comunidade se regem pela reciprocidade. Esta implica o intercâmbio que estabelecem os indivíduos nas diversas esferas da vida social: trabalho, festas. Este dar e receber traduz o "espírito comunista" do indígena.

Nos " 7 Ensayos" , Mariategui define a 'alma indígena': "Há épocas em que parece que a história parou. E uma mesma forma social perdura, petrificada, muitos séculos. Não é aventureira, portanto, a hipótese de que o índio em quatro séculos tem mudado pouco espiritualmente. A servidão tem deprimido, sem dúvida, sua psique e sua carne. O tornou pouco mais melancólico , um pouco mais nostálgico. Sob o peso destes quatro séculos, o índio se curvou moral e fisicamente. Mas o fundo escuro de sua alma quase não mudou".

Outro aspecto característico do "espírito" andino é a relação entre o índio e a natureza. Para Mariategui, " o sentimento indígena que sobrevive na serra está profundamente enraizado na natureza". Daí, o "animismo" que caracterizou a religião incaica, pois "povoava o território do Tawantinsuyo de gênios ou deuses locais".

Os elementos do 'socialismo prático' e o 'sentimento cósmico' dos camponeses índios foram a chave para a reorientação do sentido da existência social.

Mariategui usa a noção de "mito" no sentido que lhe permitia refletir sobre " a criação de uma ordem social nova em que as orientações e os valores não seriam impostos desde fora, mas que, os impulsos da libertação dos oprimidos e humilhados lhe permitiria descobrir um novo sentido moral". O mito para Mariategui pode ser considerado como um projeto revolucionário, que surge da atividade prática dos trabalhadores e que dá sentido a sua ação. É a crença e a fé pelas quais lutam. Dizia que, " A vida, mais que pensamento, quer ser ação, isto é, combate. O homem contemporâneo tem necessidade da fé. E a única fé, com que pode ocupar seu eu profundo, é uma fé combativa".

Enfim, para César Germana, Mariategui percebeu " a revolução como um processo social que significava uma mudança no modo de produzir, de consumir, de governar, de sentir e de pensar. Não era um fato político: o assalto ao poder do Estado e sua utilização por uma nova classe social".

BIBLIOGRAFIA:

- Fernandes, Florestan- Prefácio aos " 7 Ensaaios de interpretação da realidade peruana". Editora Alfa-Omega, São Paulo, 1975.
- "Significado Atual de José Carlos Mariátegui". Em, "A Contestação Necessária". Retratos intelectuais de incorformistas e revolucionários. Editora Atica, 1995.
- "Significado actual de José Carlos Mariátegui". Anuário Mariateguiano, vol. VI- N.6-1994 (Mariategui 1894-1994, Centenário).
- Lowy, Michael- Marxisme et romantisme chez J.C. Mariategui. Texto para o Colóquio "Mariategui et América Latine au seuil du XXI siècle". Université de la Sorbonne, Paris, novembro de 1994. Publicado em "Teoria & Debate".....
- Melis, Antônio - "Leyendo Mariategui -1967-1998". Biblioteca Amauta, Lima -1999
- Benjamin, Walter. Parigi, capitale del XIX secolo. Einaudi Editore, 1986
- Quijano, Anibal. - " Introducción a Mariategui". ERA, 1982.

.Seleção,prologo y notas introdutórias a " Textos Básicos" de Mariategui,FCE,1991

- Arico, José.- La Produccion de un marxismo americano.Punto de Vista,n.25,1985

- Prólogo ,"Mariategui y los origines de un marxismo latinoamericano.Passado y Presente,n.60,1978

- "La cola del diablo.Itinerario de Gramsci en América Latina".Puntosur editores.1988

- Forgues, Roland." Mariategui,la Utopia Realizable".Amauta,1995

- Guibal,Francis."Vigencia de Mariategui". Serie Centenário.Amauta,1995

- Bosi, Alfredo." A vanguarda Enraizada".Revista Estudos Avançados-USP,vol.4,1990

- "Mariategui Total "(2 tomos).Amauta,1994

- Mário de Andrade. Ensaio sobre a musica brasileira.Martins-MEC,1972

- Vacca Giuseppe. " Il marxismo e gli intellettuali".Editori Riuniti,1985

- Nunez, Orlando y Burbach, Roger." Democracia y revolucion en las americas".Editorial Vanguardia,1986

- Fonseca, Carlos.Obras. Editorial Nueva Nicaragua,1985

- Neira, Hugo. Introducción a " José Carlos Mariategui en sus Textos". Ediciones PEISA,Lima,1973

- Paris, Robert. La Formacion Ideologia de José Carlos Mariategui.Pasado y Presente,n.92,1981

- Arguedas, José Maria. "Formacion de una Cultura Nacional Indoamericana". Siglo veintiuno editores,1989

- Teran,Oscar." Discutir Mariategui".Univ.Autonoma Puebla,1985

- Guibal, F. y Ibanez, A -"Mariategui Hoy".Tarea,Lima,1987

- Aviles, R. Morales. "No pararemos de andar jamais". Ed. Nueva Nicaragua,1983.

- Tirado Victor. Em, NICARAUAC, revista cultural n.12 (numero especial sobre C.F.Amador).Managua,1986

- Melgar Bao, Ricardo- "Mariategui,Indoamerica y lãs crisis civilizatorias de Occidente".Serie centenário.Amauta.1995

- Zagaceta,Manuel Arce- "Mariategui,frente ao reto de la pobreza.Hacia um proyecto Nacional de Peruanizacion".Serie Centenário.Amauta.1995

- Bauman, Zygmunt. "Culture as Praxis". Routledge & Kegan Paul.1973
- Godio, Júlio." Partidos, sindicatos y nuevos movimientos sociales en América Latina". Puntosur editores,1987
- Gomes, Roberto. "Critica da razão tupiniquim". Cortez editora,1982
- Alexandro Lipschutz. "Marx y Lênin em la América Latina y los problemas indiginistas".Casa.Habana.1974
- Carlos M. Rama. "Historia Del Movimiento Obrero y Social Latino-Americano".Editorial Laia.1976
- "Indianite et lutte des classes".UGE.10/18.Paris.1972
- Dussel, Enrique." 1492: Diversas posiciones ideologicas".Em,1492-1992 La interminable conquista. DEI, San Jose,1991
- Portantiero, Juan Carlos." Il marxismo latino-americano. Em, " Storia del marxismo"(il. marxismo oggi).Einaudi,Torino,1982
- Mariategui. Política. Coleção Grandes Cientistas Sociais N.27(coordenada por Florestan Fernandes).Editora Atica,1982
- Alimonda, Héctor. "José Carlos Mariátegui, Redescobrir A América". Coleção Encanto Radical, editora brasiliense,1983
- Mayorga, César A. Guardia - Prólogo a Mariategui ," Peruanicemos Al Peru".Biblioteca Amauta,Lima,1986.
 - Reys, Carlos Arroyo- Recensioe de " Leyendo Mariategui.A parábola mariateguiana de Antônio Melis" Anuário Mariateguiano, Vol.XI, No.11 - 1999
- Anuário Mariateguiano. (Mariategui 1894-1994.Centenario). Vol.VI,No.6- 1994
 - Diaz Fernando, Oswaldo - " Una proposición de lectura de defensa del marxismo". Em, "José Carlos Mariategui y Europa. El outro aspecto del descubrimiento". Empresa editora Amauta,Lima-1993
- Germana, César - " Democracia y Socialismo en el Pensamiento de Mariátegui".Em, " José Carlos Mariategui y Europa . El outro aspecto del descubrimiento". Amauta,Lima-1993
- Germana,César - " El Socialismo Indo-americano de Jose Carlos Mariategui:Proyecto de reconstitución Del sentido histórico de la sociedad peruana".Serie Centenário.Amauta.1995
- Amayo,Enrique e Segatto,José Antonio- "J.C.Mariategui e o marxismo na América latina".Cultura Acadêmica editores.UNESP.2002.

(((* Uma síntese deste texto ,com o titulo “ José Carlos Mariátegui e o “Específico Nacional”, foi publicada em “ Utopia y Práxis Latinoamericana” [Revista internacional de Filosofia Iberoamericana y Teoría Social, Universidad Del Zulia – Venezuela]. ,Año 5. Septiembre-Dici}}))

4. OBRAS DE MARIÁTEGUI

COLEÇÃO Obras Completas/populares (Editora AMAUTA)

- 1.] LA SCENA CONTEMPORANEA
- 2.] 7 ENSAYOS DE INTERPRETACION DE LA REALIDAD PERUANA
- 3.] EL ALMA MATINAL y otras estaciones del hombre de hoy
- 4.] LA NOVELA Y LA VIDA SIEGFRIED Y EL PROFESOR CANELLA. Dos fasciculos ineditos y eportajes y encuestas.
- 5.] DEFENSA DEL MARXISMO
- 6.] EL ARTISTA Y LA EPOCA
- 7.] SIGNOS Y OBRAS
- 8.] HISTORIA DE LA CRISIS MUNDIAL
- 9.] POEMAS A MARIATEGUI
- 10.] MARIATEGUI, por Maria Wiesse
- 11] PERUANICEMOS AL PERU
- 12] TEMAS DE NUESTRA AMERICA
- 13] IDEOLOGIA Y POLITICA
- 14] TEMAS DE EDUCACION
- 15] CARTAS DE ITALIA
- 16] FIGURAS Y ASPECTOS DE LA VIDA MUNDIAL.1
- 17] FIGURAS Y.... .2
- 18] FIGURAS Y... .3
- 19] AMAUTA y su influencia, por Alberto Tauro
- 20] MARIATEGUI Y SU TIEMPO, por Armando Bazan

Outras:

- 1] MARIATEGUI TOTAL .1 Prefacio de ANTONIO MELIS . Editora Amauta, 1994
- 2] MARIATEGUI TOTAL.2 idem
- 3] Sete Ensaio de Interpretação da REALIDADE PERUANA. Prefacio florestan fernandes. editora Alfa-Omega, 1975
- 4] DIFESA DEL MARXISMO. Postfazione di Antonio MELIS. Ed. Fahrenheit 451. 1996.

Coletaneas/Antologias:

- 1] JOSE CARLOS MARIATEGUI. TEXTOS BASICOS. seleccion, prologo y notas introductorias de ANIBAL QUIJANO. Tierra Firme, FCE, 1991
- 2] JOSE CARLOS MARIATEGUI. OBRAS. Tomo !. Casa de las Americas.
- 3] JOSE CARLOS MARIATEGUI .OBRAS. Tomo 2. idem

4) "Mariategui, por um socialismo indo-americano". seleção e introdução M. Lowy. editora UFRJ. 2005

Ensaio sobre:

1] MESEGUER, Diego - Mariategui y su pensamiento revolucionario. IEPeruanos, 1974

2] QUIJANO, Anibal - Introducción a MARIATEGUI. Serie popular ERA, 1981

3] TERÁN, Oscar - DISCUTIR MARIATEGUI. UAPuebla, 1985

4] PARIS, Robert - LA FORMACION IDEOLOGICA DE JOSE CARLOS MARIATEGUI. Cuadernos pasado y presente 92/ 1981

5] MARIATEGUI Y LOS ORIGINES DEL MARXISMO LATINOAMERICANO. Selección y prólogo de JOSÉ ARICÓ. Cuadernos pyp, 60/ 1980

6] FALCON, Jorge - MARIATEGUI MARX-MARXISMO. El productor y su Producto. AMAUTA, 1983

7] IBANEZ, Alfonso - MARIATEGUI REVOLUCION y UTOPIA. Tarea, 1978

8] GALINDO, Alberto Flores - LA AGONIA DE MARIATEGUI. La polemica com la Komintern. Desco, 1982

9] GALINDO, Flores - OBRAS COMPLETAS, tomo V. Sur, 1997

10] GUIBAL, Francis/ IBANEZ, Alfonso - MARIATEGUI HOY. Tarea, 1987

11] IBANEZ, Alfonso - PARA REPENSAR NUESTRAS UTOPIAS. Sur/Tarea, 1993

12] IBANEZ, Alfonso - LA VIGENCIA DE MARIATEGUI. tarea,

13] FORGUES, Roland - MARIATEGUI LA UTOPIA REALIZABLE. Amauta, 1995

14] MELIS, DESSAU, KOSSOK. MARIATEGUI, tres estudios. Amauta, 1971

15] ALIMONDA, Hector - Mariategui. brasiliense. Encanto Radical, 1983

16] BAO, Ricardo Melgar - Mariategui, Indoamerica y las crisis civilizatorias de Occidente. Serie Centenario. Amauta. 1995

17] GERMANA, César - El 'Socialismo Indo-americano' de J.C. Mariategui. Serie Centenario Amauta. 1995

18] ZAGACETA, Manuel Arce - Mariategui frente ao reto de la pobreza. Serie Centenario. Amauta. 1995

19] GUIBAL, Francis - Vigência de Mariategui. Serie Centenario. Amauta. 1995

20} BEIGEL ,Fernanda- “El itinerário y La brújula.El vanguardismo estético-político de Mariategui”.editorial Biblos.Buenos Aires.2003

21}BEIGEL ,F.- “La epopeya de una generación y una revista.Las redes editoriales de Mariategui em America Latina”.Editorial Biblos.B.Aires.2006

22) SICILIA,Luis-“Mariategui,um marxismo indígena”.prologo Oscar Terán.capital intelectual. B.Aires.2007

23)ESCORSIM,Leila- “Mariategui,vida e obra”.expressão Popular.2007.

Encontros/Coloquios/ensaios coletivos:

1] JOSE CARLOS MARIATEGUI Y EUROPA,el outro aspecto del descubrimiento.Encuentro Internacional de PAU(França),1992/Amauta,1993.

2] MARIATEGUI; IL SOCIALISMO INDOAMERICANO.Il pensiero politico e gli apporti della cultura italiana.(a cura de Giovanni Casetta).Francoangeli editore1996

3] MARXISTAS DE AMERICA. AAVV.Editorial nueva Nicaragua.1985

4) “America Latina,historia,idéias e revolução”.P.Barsotti e Luiz B.Pericás(orgs).Xamã.1998

5) “Mariategui,Do sonho às coisas.Retratos subversivos”.Luiz B.Pericás(org.).Boitempo Editorial.2005

6) “Mariategui.Sobre educação”.Luiz.B.Pericás(org).Xamã.20078

- “ANUARIO MARIATEGUIANO” (com 10 volumes publicados até final dos anos 90)

-“AMAUTA” (No 1-32,1926-1930).edición em facsimile.Empresa editora AM,auta.Lima.1976

-“LABOR”(No. 1-10,1928-1929).edicion em facsimile.Empresa editora Amauta.Lima.3ª Ed. 1995

-Maria R.Diez Canseco=“Historia Del Tahuantinsuyo”. Instituto Estúdios Peruanos.- IEP. Lima.1988